

Tribuna Operária

Nº 10, ANO 1, DE 22 DE MARÇO A 4 DE ABRIL DE 1980

PREÇO DE VENDA EM BANCAS: Cr\$ 10,00

Chumbo grosso na lei-arrocho

ABC, portuários; a democracia operária está de volta para combater a ditadura dos salários (Última página).



Tarefa urgente para derrubar a ditadura

Pág. 3

Vitória das mulheres no segundo congresso

Pág. 4

Falam operários da Tendência Popular

Pág. 3



Em Salvador 1º Encontro Nacional da Carestia

Veja na Pág. 4

Em Santos uma greve de raça

Para o governo, é uma greve três vezes ilegal porque ocorre em área de segurança nacional, porque os portuários são "categoria essencial" e porque outras categorias entraram em greve em solidariedade, o que é proibido pela lei de greve. Além do mais, é um desafio aberto à nova lei de arrocho salarial, decretada em novembro e regulamentada há poucos dias pelo general Figueiredo, porque os portuários exigem reajuste acima dos índices impostos pela ditadura.

Mas é uma greve legítima, porque em defesa das justas aspirações dos trabalhadores do cais. É uma greve maciça, unânime, que nem precisou de piquetes. A ela o regime respondeu com sua habitual truculência, mandando tropa de fuzileiros navais para esmagá-la. Mesmo que não consiga outras conquistas, já é uma luta vitoriosa só porque através dela os portuários levantaram a cabeça após 16 anos de opressão.

Veja na última página.

Editorial

Os grevistas com a palavra

Para surpresa de alguns, a nova lei salarial não provocou o refluxo do movimento grevista. Conforme vai chegando a época de seus dissídios, um número cada vez maior de categorias de trabalhadores entra na luta, com uma disposição igual ou maior do que no ano passado e certamente com um nível de organização mais elevado.

Como isso pode estar acontecendo, se há falta de lideranças mais conseqüentes, se a consciência política dos trabalhadores ainda é relativamente baixa? Não se poderá entender essa situação se não se compreender a gravidade das condições de vida dos trabalhadores. No Brasil, pagam-se salários dos mais baixos do mundo. Esse profundo rebaixamento dos níveis salariais foi possível por diversos fatores, entre eles a política de arrocho imposta pela força pela ditadura militar, desde 1964 quando desmantelou o movimento sindical.

Um outro fator foi o excesso de mão-de-obra disponível, alimentado pela expulsão de milhões de camponeses de suas terras. Essa imensa massa desempregada não tem outra saída senão oferecer-se para trabalhar por qualquer salário e assim provoca o rebaixamento dos salários em geral, facilita a rotatividade no emprego etc.

Nos últimos anos, com a crise do modelo econômico e a rápida elevação da inflação a níveis altíssimos, o valor de compra dos salários reduziu-se drasticamente. Dessa forma, já não são somente os milhões de desempregados os que passam fome. Grande parte dos empregados também estão passando por grandes dificuldades, quando não, passando fome mesmo. E este é o motor de sua insatisfação, o deflagrador inicial de sua disposição de luta. E como o regime está em crise, como para os capitalistas a saída para a crise é jogar o peso dela sobre os trabalhadores, é inevitável que estes continuem indo à luta, cada vez com mais vigor.

A qualidade das lideranças sindicais é fator importante para o destino das lutas. Mas, ainda que elas sejam vacilantes, a luta pode ocorrer e vitórias serem obtidas, como tem ocorrido. Porque são os trabalhadores que fazem a luta. O exemplo está à vista: tanto têm ido à greve categorias que têm lideranças combativas como aquelas que estão submetidas a pelegos. Isto porque a força, o poder de lutar e conquistar vitórias estão de fato nas mãos das amplas massas de trabalhadores. Esta força é a base da organização, da educação política e do avanço da classe operária.



CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Na porta do Sindicato, o assunto é a greve. Nem foi preciso piquete.

Estão roubando os vigilantes

São Paulo. As empresas de segurança não estão cumprindo o acordo conseguido pelos vigilantes depois da greve de agosto passado, que custou muito sacrifício e repressão, 30 demissões e 8 prisões na categoria. As horas extras continuam a não ser pagas corretamente. A exploração continua sem freios, pois hoje uma empresa cobra 20, 25 ou 30 mil cruzeiros mensais pelos serviços de um vigilante, mas o salário do trabalhador não passa da média de 5 mil cruzeiros.

Mas há um fruto da greve que nenhum patrão pode anular: a Associação dos Vigilantes, fundada em outubro, que agora luta para transformar-se em sindicato e marcou para 23 de março uma assembleia da categoria.

Tem padeiro com salário de 768!

Americana, SP. Os padeiros de Americana e Limeira decidiram que "só um sindicato pode lutar contra o patrão" e decidiram fundar o seu. Já escolheram uma comissão de companheiros para isso e estão convocando toda a categoria para uma reunião no dia 13 de abril.

Eles chegaram a essa conclusão depois de constatar que a exploração patronal ultrapassou de muito o limite do inaceitável. Tem padeiro registrado com salário de 768 cruzeiros mensais, outros são obrigados a trabalhar como padeiro, childreiro, chefe de massas e confeiteiro a mesmo tempo, as padarias não pagam adicional noturno nem hora extra, querem eliminar metade da folga semanal e ainda exploram o trabalho de menores à noite. Com o movimento pró-sindicato, porém, nasce uma esperança de acabar com tanta exploração. (Do Correspondente)

Fotógrafos unidos

São Paulo. Acaba de nascer a União dos Fotógrafos do Estado de São Paulo, fundada por 170 profissionais da fotografia para enfrentar o "mercado estreito de trabalho, baixa remuneração, desrespeito ao direito autoral e outros problemas da categoria." É mais uma categoria que se levanta contra o sufoco que vem sofrendo.

Operários no diretório

Alenas, MG. Enquanto os operários da Tecelagem Saliba tomaram a iniciativa de fundar uma Associação da categoria, muitos trabalhadores participaram do lançamento do PMDB local. Vários deles foram eleitos para o Diretório Municipal do partido, comprometendo-se a formar ali uma tendência popular, de firme defesa dos interesses da gente pobre. (Do correspondente)



Índios, lavradores, floresta ameaçados pelo regime

Amazônia em perigo

O Movimento de Defesa da Amazônia iniciará dia 26 uma campanha contra o "pacote florestal" que o general Figueiredo enviará ainda em março ao Congresso, legalizando a entrega da floresta amazônica a grandes empresários nacionais e multinacionais. O



Assembleia dos trabalhadores do Metrô; campanha exitosa

Metroviários arrancam 89%

Os trabalhadores do Metrô de S. Paulo conseguiram importante vitória na sua campanha salarial: 85% da categoria, composta de 4 mil funcionários, aumento superior ao índice calculado pelo DIEESE para a elevação do custo de vida em S. Paulo, que foi de 73%.

Aqueles que recebem até 4 salários mínimos conseguiram 89,09% de aumento em relação ao salário de março de 1979, isto é, 16% acima do índice oficial proposto inicialmente pelo Metrô. Mais uma vitória sobre a nova política de arrocho salarial.

Analisando as causas da vitória, e as razões que fizeram a companhia fazer uma contraposta mais vantajosa para a maioria dos trabalhadores, estes concluíram:

Funcionários querem 85%

São Paulo. Com 125 delegados, cada um representando dez colegas de seu setor, realizou-se dia 9 o II Encontro dos Funcionários Públicos de São Paulo. Apesar deste número ser considerado pequeno, afirmou-se que a reunião foi "importante para a mobilização e a organização de todos os setores do funcionalismo".

Os presentes unificaram uma pauta de reivindicações, incluindo: incorporação do abono salarial de 2.400 cruzeiros ao reajuste de 56%; reajuste de 85%; reajustes semestrais e mudança da data-base, além de medidas de caráter mais geral.

Vivos debates sobre a estrutura de organização do funcionalismo dominaram o Encontro. Logo no



Este bônus está sendo vendido pelo Movimento Contra a Carestia de São Paulo, com a frase: "contribui para a luta dos trabalhadores do campo".

"Depois da greve do ABC de 1979, já houve 149 greves, das mais diversas categorias. E isso deu muita força para gente". "A mobilização e a vontade de lutar dos metroviários pressionou a Companhia.

"Hoje somos mais de 300 reunidos aqui, mas os camponeses que estão trabalhando nos turnos mandaram o seu apoio. São 198 assinaturas apoiando as resoluções da Assembleia". "15% foi uma vitória, mas já roubaram muito da gente nesses últimos anos. Temos de sair daqui para continuar a luta pelo sindicato da categoria". E a luta dos metroviários continua. Agora querem transformar a sua associação de classe em sindicato para ter mais força na defesa dos seus direitos.

início, decidiu-se que os assistentes não teriam direito a voz, o que fez a maioria se retirar aos gritos de "liberdade de expressão". E no ponto sobre a reestruturação da Comissão Geral Permanente (que dirigiu a greve do funcionalismo paulista no ano passado) não se chegou a uma decisão definitiva. Duas propostas foram encaminhadas: de que a OGP continue a ser apenas uma coordenação do movimento, defendida pela APEOESP (Associação dos Professores); e a outra, encaminhada pela ASUSP (dos professores da Universidade de São Paulo), de que a CGP se transforme numa entidade oficial de todo o funcionalismo. A decisão final ficou para um próximo encontro.

Povo da mata se organiza

Nova Jacundá, Pará. A consciência social desperta até nos mais distantes recantos do sertão. Acaba de nascer, na localidade de Nova Jacundá, à beira da rodovia PA 150, no interior do Pará, a Associação de Defesa dos Trabalhadores Unidos de Nova Jacundá. Da assembleia de fundação da entidade participaram lavradores, posseiros e peões de 21 comunidades diferentes situadas à margem da rodovia. Chegaram a reunião andando à pé, atravessando igarapés a nado, devido às enchentes. O tempo de muitas chuvas não segurou ninguém em casa.

O objetivo da associação é a defesa dos direitos dos trabalhadores, que são vítimas da violência policial, dos pistoleiros a serviço dos grileiros. E para reclamar do abandono em que o INCRA, o ITERPA e o governo deixam a região. E um cenário de injustiça e opressão, das autoridades e dos poderosos contra os trabalhadores. Num clima de entusiasmo vários camponeses falaram defendendo sua principal reivindicação: "terra para quem nela trabalha", e reforma agrária. Um posseiro falou: "Gente, os direitos humanos existem, mas tem os direitos desumanos, esses direitos desumanos é que maltrata nós". (Do Correspondente)

Dura servidão

Pesqueira, PE. A fábrica de massa de tomate Peixe, que há mais de 20 anos explora centenas de famílias de parceiros em regime de semi-escravidão, resolveu expulsar os trabalhadores das terras. Propôs acordos pagando um máximo de 10 mil cruzeiros aos que trabalhavam lá há mais de 20 anos. Cerca de 500 famílias não aceitaram e exigiram indenização em terra. A empresa tentou logrã-los, mas eles realizaram uma grande reunião em Alagoinhas. Ali denunciaram a exploração: durante 6 meses trabalham como condenados e ficam 6 meses parados. 75% da colheita é da fábrica e a parte do parceiro só pode ser vendida para a mesma, que a compra por 10 cruzeiros a caixa de 30 kg. de tomate (no mercado é de 40 cruzeiros). Rouba no peso, desconta água, escola, professora, médico, remédio, leite e sindicato e não sobra nada para o trabalhador. É uma exploração brutal. (Do Correspondente)

Maluf leva vaia

São Paulo. O "governador-trombadinha" Salim Maluf comemorou seu primeiro ano de governo sendo vaiado e xingado por milhares de estudantes e populares das cidades de São Carlos e Rio Claro.

"Aquele bifinho que você roubou foi um pedacinho da verba que acabou", cantavam em coro 1.500 estudantes de São Carlos, protestando contra os cortes de verbas que levaram as universidades paulistas a um passo da falência. "Mais arroz e feijão para o povo, abaixo a nova capital", diziam as faixas da manifestação de protesto em Rio Claro.

Em São Carlos o governador terminou cercado e obrigado a receber uma comissão de manifestantes. Mas saiu-se com as evasivas e tiradas populistas que são sua marca registrada. Em seguida, mandou um pelotão de choque da Polícia Militar para dissolver a concentração, o que deu lugar a uma pequena batalha, onde pedaços de pau, pedras e até chinelos serviram como munição contra os policiais.

Com este melancólico final, o primeiro ano da administração Maluf confirmou o homem da Luf-falla como um dos mais cotados para o título de governador estadual mais impopular do Brasil.

Médico-monstro posto na rua

Belo Horizonte, MG. Depois de mais de um ano de luta, os estudantes do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Minas Gerais conseguiram finalmente se livrar do médico-torturador Jean Paul, professor de morfologia. Pessoas da própria escola haviam sido "atendidas" por ele, em sessões de tortura promovidas pelos órgãos repressivos de Belo Horizonte. Seu cinismo chegava ao ponto de dar aulas em público sobre tortura, ou ameaçar seus alunos com um revólver.

Mas agora a coisa ficou preta para o médico-monstro. Um boicote dos alunos a suas aulas, uma assembleia de 400 pessoas e um abaixo-assinado com 1.500 assinaturas levaram a Câmara do Departamento de Morfologia a desligar o sinistro personagem de suas funções de professor. Não é ainda a punição que ele merece, mas já é alguma coisa. (Da Sucursal de Belo Horizonte)



Na luta por verbas, os estudantes voltam a ganhar embalo

Movimento estudantil esquenta

São Paulo. Assembleias de até 7 mil pessoas, uma passeata pelo centro da capital, uma concentração diante do Palácio do Governo, a tomada da sede do Projeto Rondon, repúdio a Maluf e muitas outras atividades indicam que o movimento estudantil está aumentando de temperatura neste início de ano letivo, com destaque para a Universidade de São Paulo, uma das mais ativas do Brasil.

A agitação se justifica. O governo está mergulhando a Universidade numa crise sem precedentes. O total das verbas para a USP aumentou apenas 20% de 1979 para 1980, quando a inflação oficial foi de 77%, ou seja, na realidade reduziu-se.

Os estudantes sentem na carne o problema. Devido à falta de ver-

Boicote às taxas

Minas Gerais. Os estudantes mineiros estão empenhados a fundo no boicote às anuidades escolares. Em maior ou menor medida, o movimento já atingiu as três principais universidades do Estado, com destaque para a Universidade Federal de Viçosa, onde a forma de luta que se coloca agora é a greve, depois de outras iniciativas, inclusive uma marcha de 3 mil estudantes pela cidade.

A resposta firme dos universitários é considerada como a única forma de barrar os aumentos abusivos no preço do ensino, que atingem desde as anuidades até os restaurantes estudantis, impedindo o povo trabalhador de ter acesso à cultura.

Outras lutas do povo

■ Guanambi, BA. Trabalhadores da construção civil estão se organizando aqui por melhores condições de vida e trabalho. Pedreiros e se-

ventes estão se mobilizando para criarem seu sindicato. Seu Agenor, que está incentivando o movimento disse que "o sindicato é uma forma de lutar para melhorar as condições de trabalho da classe".

■ Monopólio em Piracicaba, SP. Uma companhia de ônibus domina todo o transporte coletivo da cidade. Cobra passagens muito caras — 6 cruzeiros — e explora brutalmente os motoristas. Paga salários de fome e oferece péssimas condições de trabalho. Eles têm cinco minutos para almoçar. Monopólio é essa praga: presta um serviço caro

e de má qualidade e paga o salário que bem entende.

■ São Paulo. Na I Feira Nacional da Pesca, o general Figueiredo e o corrupto Maluf apareceram para fazer demagogia. Mas o povo pobre está é com fome e terminou assaltando e levando para casa os produtos expostos.

■ São Paulo. O povo do Parque Santa Madalena não pode se filiar mais à associação do bairro. A diretoria, a soldo do governador Maluf, não quer deixar ninguém se associar porque senão os moradores tomam conta da entidade e botam a pelegada para correr, na próxima eleição.

■ São Paulo. O administrador regional de Sapopemba passou apertado no Jardim São Carlos, on-

bas, o restaurante universitário perdeu seu subsídio e o preço da refeição vai passar de 10 cruzeiros, no final do ano passado, para 55 agora e 100 em dezembro.

Quem mais sofre com a situação é o estudante-trabalhador (mais da metade dos alunos da USP trabalham), ameaçado pela perspectiva de implantação do ensino pago. Uma aluna de jornalismo, revoltada com a situação, argumenta: "O Maluf diz que nós podemos pagar. Eu não posso. Eu trabalho para pagar casa e comida, e se tiver de pagar escola também vou ter que parar de estudar".

Neste quadro, a esperança dos estudantes volta-se para a luta, que começa a ganhar novo impulso este ano.

Residentes em greve

Belo Horizonte, MG. Pode um médico ganhar 12.500 cruzeiros por mês, para agüentar o grosso do trabalho nos hospitais? Os 56 médicos residentes do Hospital da Previdência do Estado responderam que não e decidiram por unanimidade entrar em greve, exigindo seis salários mínimos. O exemplo espalhou-se também pelos residentes da Federação Hospitalar de Minas. O governo teve então de recuar, aumentando sua contraposta, de 12.500 para 15.000 cruzeiros. Uma vitória parcial, mas importante, conseguida numa luta que deverá continuar, segundo o presidente da Associação dos Residentes Mineiros, Marcos Burle. (Da Sucursal)

84 sindicatos rurais unidos

Ibitité — MG — Representantes de 84 sindicatos rurais de Minas Gerais reuniram-se para discutir "Sindicalismo, educação sindical e reforma agrária. No Encontro, posseiros da Serra das Araras denunciaram violências de grileiros que em 1978 chegaram até a matar um trabalhador. Comprometeram-se todos a afastar os pelegos dos seus sindicatos, a realizar um trabalho urgente de conscientização, a empunhar a bandeira da campanha salarial, denunciar as injustiças cometidas contra os trabalhadores. Além disso, decidiu-se denunciar as fazendas e companhias que não cumprem a legislação trabalhista, exigir o cadastramento de todos os trabalhadores rurais sem terra ou com pouca terra e também denunciar as grandes propriedades improdutivas, que concentram terra e não lhe dão uso enquanto os trabalhadores não têm terra para trabalhar. Denunciar os maus políticos que procuram se aproveitar dos trabalhadores. (Da Sucursal)



Tribuna Operária
 Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olívia Rangel, Dilair Aguiar.
 Jornalista Responsável: Walmor Marcelino
 Endereço da Redação: Rua Conselheiro Ramalho, 501, Bela Vista São Paulo, Capital - CEP 01325
 Sucursais: Rio de Janeiro: Rua Joaquim Silva, 11, sala 307 - Lapa - CEP 20241
 Minas Gerais: Rua Contorno Rodoviário, 345/355 - Cidade Industrial, Contagem - CEP 30000
 Bahia: Rua Padre Vieira, 5, sala 307 - Salvador - CEP 40090
 A Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda.
 Endereço: Rua Beneficência Portuguesa, 44, conjunto 206 - fone: 228-5357 - CEP 01033 - São Paulo, Capital. E composita e impressa nas oficinas da Cia. Editora Joues.

ASSINE A TRIBUNA OPERÁRIA
 Um jornal pelos direitos dos trabalhadores, pela liberdade, pela democracia popular e o socialismo.
 ASSINATURA ANUAL DE APOIO

Nome:
 Endereço:
 Bairro: Cidade:
 Estado: CEP: Fone:

Estou remetendo um cheque de Cr\$ 500,00 para Editora Anita Garibaldi Ltda. Banco Itaú, Ag. Jacequai, conta Nº 03154 - São Paulo, Capital.

Tarefa urgente: organizar os trabalhadores

Enquanto a ditadura militar comemora um aniversário quase em surdina, vão se criando no Brasil certas condições que, se o povo souber aproveitar, podem levar a uma reviravolta radical na situação.

O 16º aniversário da ditadura vai ser mais apazado que de costume. Poucos políticos se arriscarão a glorificar em público a "revolução redentora" de 1º de abril. O programa do novo partido governista, o PDS, nem toca no assunto. As comemorações serão limitadas aos quartéis, e discretas. O governo Figueiredo não quer mostrar-se como continuador da ditadura militar.

Mas este mesmo governo quer impor o adiamento das eleições municipais deste ano. E adiar também, para 1981, a decisão sobre a eleição direta dos governadores estaduais. Enquanto isso, reprime com furor as greves dos trabalhadores. Mantém o mesmo regime da fome e da opressão que vem desde 1964.

TRÊS FATORES SE LIGAM FORMANDO UMA MISTURA EXPLOSIVA

O povo sabe disso. A ditadura completa 16 anos no auge da sua impopularidade, sobretudo entre os operários dos grandes centros industriais. A questão que se coloca é se existem condições para derrubar o regime. E também o que é preciso fazer para isto.

Uma análise equilibrada dos fatos mostra que vai amadurecendo uma crise das classes governantes, que há um rápido empobrecimento e também uma agitação crescente do povo trabalhador. Quando estes três ingredientes se misturam a receita é explosiva. Surge então a possibilidade de mudanças reais e profundas na vida do país, com a substituição das classes no poder.

Tomemos o primeiro ingrediente. Em 1964, o golpe foi apoiado por um bloco mais ou menos compacto das classes reacionárias. Os grandes banqueiros, industriais e fazendeiros uniram-se em peso, encorajados pelos americanos, para apoiar a ditadura. Hoje, este bloco está rachando.

É que nestes 16 anos aumentou muito a monopolização, ou seja, a concentração do poder econômico em poucas mãos. O bolo da exploração dos trabalhadores cresceu, mas diminuiu o número de fatias. A partir de 1974, a crise econômica acelerou essa monopolização. Criou-se uma realidade que favorece basicamente um punhado de multinacionais e de capitalistas ligados a elas e ao poder. Os exploradores menos favorecidos não gostaram.

Some-se a isso os fracassos dos governos militares. Eles chegaram prometendo acabar com as greves, a corrupção, a disparada dos preços, e transformar o Brasil numa potência. Dezoito anos depois, os resultados foram exatamente o oposto das promessas.

Nasceu daí uma oposição conservadora, agrupada principalmente no PP, o Partido dos Banqueiros, que de popular só tem o nome. É um setor que concorda com uma "abertura" política restrita, mas acha que ela não pode ser tão restrita assim. Crítica a política do governo, dizendo que ela leva à guerra civil. E, com seu programa alternativo de reformas, se coloca como reserva das classes dominantes e do imperialismo.

No segundo ingrediente, a novidade não é a pobreza do trabalhador brasileiro. O que há de novo é o empobrecimento brusco, a rápida piora das condições de vida da grande massa da população, na cidade e no campo.

Quando levam inteiras de trabalhadores, até mesmo especializados, têm de ir morar na favela, deixam de consumir carne e de andar de condução, é porque já apertaram o cinto até o último furo.

O general Figueiredo pede ao povo que faça sacrifícios. Sacrifício é o que nunca faltou na vida dos pobres. O problema, hoje, é que por mais sacrifícios que se faça não dá mais para agüentar.

É O POVO EM SEU CONJUNTO, AOS MILHÕES, QUE SE PÕE EM MOVIMENTO

Vejamos agora o terceiro ingrediente. Quando os trabalhadores conscientes fazem o balanço das últimas lutas, sempre encontram um sem número de pequenos e grandes defeitos. Em milhares de ocasiões faltou unidade, coragem, decisão de partir para a briga ou sustentar o contra-ataque do adversário. Outras vezes, lideranças falsas ou vacilantes apunhalaram o movimento pelas costas. A organização em geral esteve muito atrás das necessidades. As lutas tiveram mais um caráter econômico, sem atacar de frente o problema-chave do poder político.

Mas os trabalhadores conscientes também enxergam o movimento operário e popular no seu conjunto, seus grandes traços e sua tendência geral. Vêm que as lutas, contidas por tanto tempo, agora romperam as barreiras. Milhões de



Antes as lutas estavam contidas. Agora o movimento popular rompe com as barreiras da ditadura

operários, que há dois anos pareciam ter esquecido o que era greve, estão fazendo uma ofensiva grevista sem precedentes no Brasil (inclusive porque a classe operária triplicou seus efetivos desde 64). O movimento que há um ano era quase somente paulista, já se espalha por outros centros do país. As greves são econômicas, mas com um espírito antigovernista desconhecido nos surtos grevistas anteriores. No campo, grupos de lavradores sem terra partem até para a ocupação de latifúndios já cercados e com sedes construídas.

Tudo isto forma o grande quadro, espontâneo, desordenado, criativo, cheio de vitalidade, de um povo que se coloca em movimento empurrado pelas crescentes dificuldades.

A mistura explosiva destes três fatores não é uma realidade pronta e acabada, é um processo em amadurecimento, mas já visível a olho nu. O jurista conservador Afonso Arinos de Melo Franco se deu conta dele e declarou a respeito: "O Brasil não está propriamente num estado de revolução... mas vive um estado de subversão total, que emerge espontaneamente da massa abandonada".

O empenho das forças da ditadura e da reação volta-se então para evitar que a situação explosiva que se anuncia termine explodindo mesmo. E, aí sim, o fator decisivo é a vontade e a ação consciente das forças presentes na sociedade. A reforma partidária e o incentivo à criação de partidos burgueses para operários, o "emendão" constitucional que Figueiredo enviou ao Congresso, a compra por atacado de políticos para o partido governista, a nova lei salarial, a promessa de usar a força contra os metalúrgicos do ABC, a criação do GETAT para tratar dos conflitos de terras no Araguaia e Tocantins, a manutenção de toda a máquina repressiva montada nos anos de terror fascista, são algumas medidas para prevenir uma reviravolta político-social no Brasil.

As classes dominantes brasileiras têm certa experiência neste ramo. Em 1930 e 1945, quando o país enfrentou outras encruzilhadas, elas souberam manobrar, fazer composições, reprimir, enganar, subornar, e salvaram seu regime.

É verdade que em 30 e 45 a crise estrutural do país era menos profunda, tanto assim que não foi preciso recorrer a métodos tão drásticos como a ditadura militar. A classe operária era bem menor e menos experiente, o movimento popular não era tão vigoroso como hoje. Mas nada disso garante que a situação favorável a mudanças leve a mudanças de fato.

A única garantia é a organização e a clareza de rumos das forças interessadas na vitória da causa popular, e em pri-

meiro lugar da classe operária. E o desenvolvimento do fator consciente, que está atrasado, bastante atrasado, em comparação com o movimento real.

O FATOR CONSCIENTE É A ÚNICA GARANTIA DE UMA SOLUÇÃO POPULAR.

Neste plano sim, as deficiências são enormes e há tarefas gigantescas por fazer. Os operários ressentem-se de uma falta de organização ainda grande, desde o plano sindical, passando pelas organizações por empresa, até a organização política independente em seu partido político. Sem isso eles não poderão colocar-se à altura de suas próprias lutas, nem muito menos cumprir seu papel de vanguarda. Ainda é débil a aliança entre os trabalhadores da cidade e do campo. Ainda são tímidas as iniciativas de união das forças populares e democráticas para enfrentar as tarefas políticas do momento. Nem sempre se utiliza a contento as diversas frentes de luta que se abrem, inclusive a frente parlamentar.

Dominar todas essas questões e saber como tratá-las é uma ciência e uma arte das mais complicadas e difíceis, ainda mais em tempos como os atuais, em que os dias valem por semanas. Mas a própria marcha dos acontecimentos favorece a solução das dificuldades da classe operária e do povo, enquanto atrapalha sempre mais os problemas que tiram o sono de Figueiredo e seu pares. (Bernardo Joffily)

Aniversário do PC do B

A anistia parcial conquistada no ano passado criou uma situação original no Brasil. Pertencer ao Partido Comunista continua a ser considerado crime previsto na Lei de Segurança Nacional. Mas vários conhecidos líderes comunistas, anistiados, passaram a desenvolver atividade política aberta. E o caso de José Duarte, veterano líder ferroviário de São Paulo, comunista há 36 anos, que pronunciou no dia 25 de março uma palestra em São Paulo, no 58º aniversário do Partido Comunista do Brasil.

Durante todo este período, Duarte acompanhou e viveu a acidentada trajetória de combates do movimento operário e comunista, no Brasil e no plano internacional. Militou ao lado de várias gerações de trabalhadores, desde os contemporâneos de Lenin e fundadores do Partido até os que resistiram à ditadura militar e ao fascismo durante os últimos 16 anos.

Preso por 34 vezes, ele conhece de perto a perseguição movida contra os operários que batalham para organizar-se num partido político revolucionário e classista.

O assunto da palestra vem despertando ultimamente um vivo debate nos meios operários avançados, que se colocam o problema da participação da sua classe na vida político-partidária. Afinal, o Partido Comunista, fundado em 1922 por sete operários e dois intelectuais, como fruto das greves de 1917/19 e da influência da Revolução de Outubro, foi até hoje o único partido operário a vingar no Brasil, apesar de forçado à clandestinidade.

Parlamentares e o povo

Santillo: o eixo decisivo é a mobilização do povo
Cintra: mandato como instrumento das lutas populares

O deputado federal Ademar Santillo e seu irmão, Henrique Santillo, senador, estiveram, nos últimos anos, entre os mais combativos componentes da oposição democrática no Estado de Goiás. Recentemente, aderiram ao PT.



Santillo

"Considero que o eixo da luta pela completa demolição da ditadura situa-se, em primeiro lugar, na mobilização e organização do povo. Atualmente, mesmo que houvesse eleições diretas a nível municipal ou mesmo para governador, não resolveria muito, embora eleição seja em si importante. Isto é assim porque quem continua a deter o poder são os poderosos grupos econômicos aliados aos militares.

"O parlamento é importante na medida em que os parlamentares levam para lá as reivindicações populares e fazem do Congresso uma caixa de ressonância das aspirações do povo. Só a luta parlamentar não é suficiente para devolver-nos a democracia.

Onde nós do PT pudermos, andaremos em coligação com o PTB e o PMDB e o PP. É possível uma coligação partidária no campo político.

Mas no campo social certamente haverá divergências. E nós não abriremos mão de nossos princípios, nem vamos mudar nossas idéias e opiniões".

Benedito Cintra é vereador em São Paulo, eleito pelos movimentos populares da zona Oeste da capital. Mantém-se na Tendência Popular do PMDB. Na sua opinião, esta é a melhor alternativa, na atual conjuntura, quando a questão central continua a ser a luta pela derrubada da ditadura.

"A ditadura só poderá ser derrubada por um amplo e poderoso movimento de massas. Este não é uma coisa abstrata, mas é um movimento real da luta do povo em busca de melhores condições de vida e por liberdades. Ele está aí nas incontáveis greves operárias, na luta heroica do camponês, nas lutas das minorias, das mulheres, dos estudantes etc. O parlamentar deve colocar seu mandato como instrumento dessas lutas, defendendo-as intransigentemente dentro e fora do Parlamento, denunciando as arbitrariedades da ditadura, ajudando o povo a se organizar nas fábricas, bairros, povoados, escolas, no campo, no sentido de unificar as lutas populares, dando ao movimento de massas o verdadeiro sentido da unidade popular, visando o fim do regime militar, a instalação de um governo provisório, democrático e de unidade popular, que convoque uma constituinte soberana".

Cintra

Os operários e a Tendência Popular

A Tribuna Operária perguntou a vários operários de São Paulo que são lideranças de base, elementos combativos da oposição sindical, participantes ativos das últimas greves por que, sendo operários, escolheram atuar no plano político institucional através da Tendência Popular do PMDB. A seguir, suas respostas:

Chicão: servir e não dirigir

João Francisco (Chicão) — operário da zona Oeste da capital — "Tanto o PMDB como o PT e o PTB são todos partidos impostos pela ditadura que se mantém. Apesar disso, os trabalhadores não podem ignorar esses partidos como



Chicão

forma de participação política. E vale escolher entre eles aquele que dá mais oportunidade para nós.

Na Tendência Popular do PMDB é que se tem uma brecha para a vinculação das lutas populares com a ação parlamentar. A derrubada do regime não se vai dar, como pensam alguns, através da luta parlamentar, mas sim através das lutas populares. Trata-se de escolher uma tendência que vá apoiar as lutas populares, mas que também não tenha a pretensão de liderar esses movimentos, porque se fizer isso vai sufocar. Trata-se apenas de apoiá-los, e não de querer tomar sua direção.

Daí, por que recusar isso? Alguns companheiros sentem-se atraídos pelo PT. Vêm no PT a solução para a organização da classe operária. Eu entendo que o operário quer realmente ter seu partido. Eu também quero, não sou contra isso. Mas o partido da classe operária será este? Acho muito difícil a atuação legal de um verdadeiro partido da classe operária sob este regime. Tenho até a impressão de que o surgimento do PT interessa ao regime porque ajuda-o a disfarçar a sua lei arbitrária que impede a livre organização do verdadeiro partido da classe operária.

A Tendência Popular do PMDB, pelo menos nas discussões de que tenho participado, tenta se prestar a ser um instrumento a serviço da oposição popular no plano da luta parlamentar".

Fernando Ó: TP não joga ilusão

Fernando Ó — operário da zona Sul da capital — "A ditadura não acabou o regime militar permanece e mantém montado o seu aparelho repressivo. Por isso, continuamos precisando

atuar numa frente mais ampla que aquela que o PT oferece. A reforma partidária do governo veio para dividir a oposição e nós não podemos entrar nesse jogo, tomando a iniciativa de nos dividirmos. Nessa situação atual, que continua duvidosa, o povo já obteve algumas conquistas, mas são insuficientes. Precisamos ir adiante para conquistar o direito de a classe operária se organizar independentemente.

"A Tendência Popular é o setor mais avançado da oposição. Ela é um movimento de âmbito nacional e pelo Brasil afora, nas cidades e no campo, um dos setores mais avançados da oposição. Ao juntar-me a ela estou pensando também nisso e não só na organização em São Paulo e outros grandes centros urbanos, como acaba sendo a proposta limitada do PT. Dentro do PT há gente boa, mas é uma proposta muito contraditória. E joga a ilusão para os operários de que é o partido da classe operária. Até por isso prefiro a Tendência Popular do PMDB porque este partido não joga essa ilusão de que é o partido da classe operária.

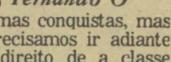
Preocupo-me com a divisão que possa ocorrer até nas bases por causa desses partidos. Por isso, conclamo a todos os que são de fato democratas, de oposição, estejam onde estiverem, a que, na hora da luta concreta dos trabalhadores e do povo, deixem as divergências de lado. E venham todos engrossar a luta do povo."

Jorge: por ora só clandestino

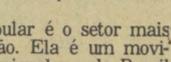
Jorge, operário da zona Sul — "Algumas pessoas me perguntam porque, eu sendo operário, não fui para o PT. Quero deixar bem claro que nunca fui contra a organização do partido dos trabalhadores. Mas nesse momento, com as limitações das leis da ditadura o partido da classe operária não pode existir legalmente, mas só clandestino. Isso porque o partido que se propõe a ser o partido da classe



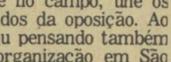
Fernando Ó



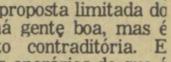
Chicão



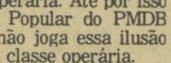
Chicão



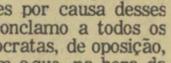
Chicão



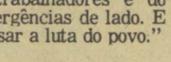
Chicão



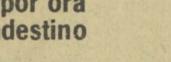
Chicão



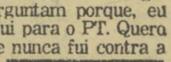
Chicão



Chicão



Chicão



Chicão



Chicão



Chicão



Chicão

Não apóio falso partido

S. metalúrgico da zona Sul — "A reforma partidária veio para dividir as oposições. E eu não vou fazer o jogo do governo, apoiando esses partidos que vieram para nos dividir. O PMDB também não é o partido dos trabalhadores, mas ao menos ele deixa isso claro. Dentro da Tendência Popular temos condições de lutar dentro dele e abrir um espaço para a defesa dos interesses dos trabalhadores. Não é como o PT que se pretende o partido da classe operária, mas não é, é um partido cheio de contradições, onde se reúnem diversos tipos de oportunistas, desde trotsquistas a pelegos, embora lá dentro haja também gente boa. Ficar na Tendência Popular e procurar unir todos os outros setores verdadeiramente de oposição para defender os interesses populares, essa é a minha escolha".

Liberdade de organização

C. metalúrgico da zona Sul — "Não estou nada satisfeito com os resultados da reforma partidária. A situação está ainda muito indefinida. Por enquanto, os trabalhadores só podem confiar em certos elementos que, por sua luta e dedicação ao povo, já mostraram que merecem nossa confiança. Como partidos, todos deixam a desejar. Devemos ir lutando para conquistar a liberdade de organização para o verdadeiro partido dos trabalhadores. Ela vai surgir quando o povo tiver liberdade de organização. E no meio do povo que se organiza o verdadeiro partido dos trabalhadores. Devemos lutar por uma verdadeira união, uma união na luta".



Fundação Maurício Grabois



A preparação do Congresso exigiu muito trabalho.



A viúva de Santo, convidada de honra.

Mulheres já não esperam acontecer

Quatro mil mulheres reuniram-se no 2º Congresso da Mulher Paulista refletindo a crescente participação da mulher nas lutas populares e por sua própria emancipação, apesar das tentativas de um grupo de tumultuar o Congresso.

Em meio a um clima de mobilização e de intensa polêmica realizou-se nos dias 8 e 9 de março o 2º Congresso da Mulher Paulista. Embora marcado pelo tumulto e confusão provocados por um pequeno grupo de mulheres que pretendia impor arbitrariamente suas posições, o Congresso surpreendeu pela amplitude e importância que assumiu. Cerca de 4 mil mulheres reuniram-se na Pontifícia Universidade Católica para debater seus problemas específicos e os rumos do movimento feminino no Brasil.

A participação de mulheres quadruplicou em relação ao 1º Congresso. E o número de entidades integradas ao movimento subiu de 28 para 53, refletindo uma crescente mobilização das mulheres na luta por sua emancipação. Como afirmou D. Doliriza, dona de casa do bairro de Guarapiranga, "antes as mulheres eram muito paradas, só serviam de escravas dos homens. Agora têm voz ativa e vamos pelear para conseguir nossos direitos".

lheres que procurava bloquear o andamento dos trabalhos, o Congresso conseguiu criar um embrião de movimento unificado, formado a partir das 53 entidades que o coordenaram. Além disso, apesar do tumulto criado, diversos pontos de consenso foram obtidos nas reuniões de grupo e aprovados na plenária.

Entre essas resoluções destacam-se as seguintes: as entidades, femininas ou não, devem empenhar-se numa ampla campanha a favor dos direitos da mulher; prosseguir a luta pela ampliação de creches nos bairros e nas empresas; exigir do governo melhor atendimento à gestante, antes e depois do parto, e à criança; realizar um amplo debate sobre o aborto nos próximos meses. As mulheres assalariadas destacaram ainda a importância de lutar pela profissionalização da mulher, contra o subemprego e por salários iguais aos dos homens; por garantia de trabalho para a mulher casada, mãe ou gestante.

tuou o Congresso desde sua preparação, encarregou-se de impedir que as discussões chegassem a bom termo e que se obtivesse consenso nas questões em que elas se colocavam contrárias à maioria. Para isso recorreram a manobras sujas, falsificando crachás, realizando reuniões paralelas, dividindo e impondo suas representações para a coordenação dos grupos. Chegaram inclusive a utilizar métodos abertamente fascistas, agredindo fisicamente as pessoas que opunham uma resistência mais firme.

Um dos principais pontos de discórdia era quanto ao caráter específico do movimento de mulheres. Este grupo minoritário defendia historicamente que os problemas das mulheres são os mesmos de todos os setores oprimidos. Esse argumento é justo apenas em parte. Negar que as mulheres enfrentam problemas próprios que exigem solução própria é querer tapar o sol com a peneira. A mulher é reconhecida uma categoria marginalizada da sociedade há milênios. E para ter voz, precisa lutar por seus direitos específicos. No decorrer do Congresso, as mulheres denunciaram em depoimento vivos e concretos os problemas que enfrentam no dia a dia, como a dupla jornada de trabalho, salários inferiores aos dos homens, baixo índice de profissionalização, a falta de atendimento à maternidade, a violência sexual, a ideia de inferioridade. Como afirmou uma representante da Associação das Donas de Casa, Cida Alves, "as mulheres estão participando de tudo e muito interessadas em discutir suas questões próprias. Não dá mais para dizer que o problema da mulher é o de todos os trabalhadores".



O debate foi vivo e o Congresso, vitorioso, apesar dos tumultos.

nada de trabalho, salários inferiores aos dos homens, baixo índice de profissionalização, a falta de atendimento à maternidade, a violência sexual, a ideia de inferioridade. Como afirmou uma representante da Associação das Donas de Casa, Cida Alves, "as mulheres estão participando de tudo e muito interessadas em discutir suas questões próprias. Não dá mais para dizer que o problema da mulher é o de todos os trabalhadores".

Outro ponto polêmico foi a relação entre o movimento feminino e os partidos políticos. O grupo, o minoritário, que tomou de assalto o departamento feminino do PMDB, recorreu a todos os meios para atrair o movimento das mulheres aos interesses estreitos da política parlamentar. Mas os movimentos de massas não são partidários. Eles podem abranger representantes de diversos partidos ou tendências, sem distinção de credo religioso, raça, sexo ou cor. E o movimento de mulheres não escapa a essa regra. Qualquer tentativa de atrelá-lo a qualquer partido, só serviria para dividir o movimento de mulheres.

No entanto, isso não significa que o movimento seja apolítico. Como afirmou uma dona de casa de periferia, "muita gente pensa que política é só partidária. O nosso Congresso mostrou para a mulher da periferia que ela também faz política".

A mulher e a luta política

As posições equivocadas do pequeno grupo de mulheres que boicotou o Congresso foram fragorosamente derrotadas. Apesar da confusão reinante, as congressistas repudiaram maciçamente essas manobras que procuravam semear a divisão. Representantes da Comissão Executiva Regional do PMDB protestaram contra a atuação desastrosa daquelas mulheres, desautorizando-as de falar em nome do partido. E em reunião realizada posteriormente, as responsáveis pelo tumulto foram expulsas da coordenação por ampla maioria de votos. Como declarou uma representante das professoras, "a correção de uma posição política se verifica na prática, e não na porrada". (Olivia Rangel)

O Congresso: suas conquistas

Embora enfrentando a obstinada oposição do grupo minoritário de mu-

Os pontos de discórdia

Essas resoluções, no entanto, ficaram aquém das discussões realizadas nos grupos. O grupo de mulheres que tumultu-

Dois mil na rua contra a carestia

Em manifestação realizada na porta da Light, 2 mil trabalhadores e donas-de-casa protestaram contra os altos preços da energia elétrica. Queimaram bonecos do ministro Delfim Netto e do imperialismo e convocaram o povo para a luta contra a carestia.

Trabalhadores e donas de casa da periferia, dirigentes sindicais, movimentos e associações populares, entidades democráticas, reunidos no Movimento Contra a Carestia, concentraram 2 mil pessoas numa grande manifestação contra a Carestia, na praça Ramos de Azevedo, em frente à Light, dia 12 de março. Ali foi lançada publicamente a Campanha Contra os Abusos da Light.

Improvizando uma das janelas da Light como palanque, e agarrando-se às grades para não cair, metalúrgicos, motoristas de ônibus, donas de casa e membros da Coordenação do Movimento Contra a Carestia fizeram vários discursos, convocando o povo a lutar contra a carestia, denunciando o governo e os empresários como os responsáveis pela fome e a opressão que pesam sobre o povo brasileiro e exigindo o fim da ditadura militar.

Aos gritos de "Abaixo o imperialismo" e "a Amazônia é nossa", foram quei-

mados na praça dois bonecos que simbolizavam Delfim Netto e o seu patrão, o imperialismo norte-americano.

A manifestação durou três horas: começou na Praça da Sé com umas mil e quinhentas pessoas reunidas, que após gritarem palavras de ordem como "Ninguém aguenta mais o roubo que a Light faz", "O povo na rua protesta contra a fome", saíram em passeata pelas ruas da cidade até a praça Ramos, parando o trânsito, conseguindo muitas adesões e fazendo comícios.

A campanha contra o abuso da Light é mais uma bandeira do Movimento Contra a Carestia, e exige: congelamento do preço da tarifa; o fim do imposto único; 30 dias para pagar a conta sem multa; 90 dias após o vencimento, para pagar a conta sem corte da luz.

3º ENCONTRO NACIONAL CONTRA A CARESTIA

No dia 15 de março, às 14 horas, no sindicato dos jornalistas, cerca de 70

representantes de sindicatos, movimentos e associações populares e bairros da periferia elegeram 17 representantes para o 3º Encontro Nacional de Luta Contra a Carestia, a realizar-se em Salvador nos dias 22 e 23 de março próximos e aprovaram as seguintes propostas: lutar pela realização do 1º Congresso Nacional de Luta Contra a Carestia; lutar pela realização do 1º de maio unificado em todo o Brasil, baseando-se nas cinco bandeiras aprovadas pelos sindicatos: Liberdade e autonomia sindical; contra o desemprego; salário mínimo real e unificado para todo o Brasil; contra a carestia; e pela reforma agrária.

Quem for ao 3º Encontro Nacional de Luta Contra a Carestia, em Salvador, dia 22 próximo, deverá dirigir-se à Ladeira da Praça s/nº - Instituto dos Arquitetos.

Pauta do Encontro: Definição da data de entrega dos abaixo-assinados em Brasília; Perspectivas para o Movimento Contra a Carestia; Congresso Nacional de Luta Contra a Carestia.



O protesto popular na porta da Light durou 3 horas.

MG: pelego sabota mulheres

Apesar das condições favoráveis que o cercaram, o 1º Congresso da Mulher Metalúrgica de Belo Horizonte e Contagem contou com fraca participação: cerca de 60 mulheres.

Pouco, muito pouco se avançou neste congresso no sentido de reforçar a participação da mulher. A começar pelo fato de que não se podia falar em política. Tampouco se discutiram as greves, a campanha salarial ou o 1º de Maio unificado. A diretoria pelega do sindicato tomou conta da situação. A mesa era composta de seus representantes, entre

eles o velho João Silveira, e um representante da peleguíssima CNTI.

Nem o dia 8 de março foi ressaltado como um marco de luta das operárias. Nas discussões em grupo, o secundário predominou. Dominado pela pelegada, o Congresso das metalúrgicas de Belo Horizonte e Contagem não marcou uma maior participação da mulher. Nem mesmo refletiu o nível de participação já conseguido anteriormente, como no caso das últimas greves. Não traduziu de forma alguma o imenso potencial de luta da mulher metalúrgica mineira. (Da sucursal de Belo Horizonte)

Os operários de Minas (Final):

"Entro em greve até amanhã"

Entrou na fila do ônibus, no centro de Belo Horizonte, às seis da tarde. Chegou em casa, no Bairro Industrial de Contagem, às 9 da noite. Por "problema nervoso", o operário Assis está encostado pelo INPS, recebendo apenas 80 por cento do ordenado, isto é, 2 mil e 800 cruzeiros. "Só com um milagre dá para sustentar 6 bocas". Comenta: "trabalhei 18 anos direto como metalúrgico e não tenho nada. Tenho só esse rancho aqui".

SOFRENDO DOS NERVOS

"Fui afastado da firma por problemas nervoso. Eu trabalhava, tanta coisa fazia... Sou electricista e instalava 18 qualidades de cabo, trabalhava em postes, fazia tudo. Ai, no dia do pagamento vinha aquela mixaria. Lá, pagava muito pouco e eles atrasavam o pagamento. Dia do pagamento eles faziam um vale. Eu ficava com muita raiva, pois estava precisando, estava devendo para os outros. Uma vez, eles fizeram um vale só de 200 cruzeiros. Ai, fiquei muito nervoso, minha pressão ficou alta. Daí para cá não pude mais trabalhar. Fui piorando cada vez mais. E tudo por causa da firma, porque antes eu não tinha nada".

"Na greve, eu quase entrei no cacete. Corri muito da polícia. Lutamos muito para ter uma melhorzinha e só faltou a gente morrer lá. O negócio deles era matar e não só bater. Metiam uns porretes na cabeça que era para matar. Mas a greve valeu. Se houver outra, entro. Entro em greve até amanhã".

"E aqui no bairro nossa vida é uma dificuldade. A gente estava sofrendo com a falta da rede de água e fizemos uma vigília. Participaram 10 mil pessoas. Saimos em caminhada com latas vazias, todo mundo participando. Ai nós conseguimos a água. A união aqui é grande. E todo mundo luta unido".

CONTRA O GOVERNO

"Eu estou contra este governo. Não acho que ele esteja servindo o povo. Um governo para o trabalhador apoiar teria que estar olhando mais para os pobres. Eu vi o Figueiredo dizendo pela televisão que se ganhasse 3 mil cruzeiros e tivesse dois filhos, dava um tiro na cabeça. Uma pessoa que fala isso é porque desconhece a situação e os problemas do povo". (Antônia Soares - Sucursal de Minas Gerais).

Posseiros: a vitória de Pau/Brasil

A população de Vitória da Conquista, no interior da Bahia, assistiu, na noite de 3 de março, a uma cena sem precedente. Pelas ruas desfilou uma passeata de posseiros gritando palavras-de-ordem. Eram os moradores das "Matas do Pau Brasil", distante 30 quilômetros, que protestavam contra a prisão de dois companheiros e exigiam prisão, sim, para o grileiro, dono da Agropecuária Pau Brasil.

Em coro, gritavam: "Conquista quer justiça, cadeia pra Germano"; "Queremos Pau Brasil, cadeia pra Germano". Nos dias seguintes ocorreram novas manifestações, com mais de cem lavradores e a adesão de muitos populares.

O grileiro Germano, acompanhado do delegado de polícia de Vitória da Conquista, coronel Elisio Pires Rebouças, prendeu o posseiro João Alves Santos. Logo depois, grande número de posseiros foi para a cidade e concentrou-se à porta da delegacia exigindo a soltura do companheiro encarcerado. Temendo a inva-

são da delegacia, o delegado requisitou tropa do Batalhão de Polícia Militar. Quando o advogado dos posseiros e entidades democráticas tentavam libertar João, outro posseiro, Valdivio Custódio de Almeida era preso. Os posseiros só saíram dali para fazerem a passeata. E marcaram uma manifestação para o dia seguinte.

COMISSÃO JUSTIÇA E PAZ

Em nota à população, a Comissão Diocesana Justiça e Paz de Vitória da Conquista denunciou a prisão e maus tratos dos dois posseiros. afirmou: "A prisão parece ser a fórmula com que o governo do Estado pretende acabar com os posseiros: utilizando o poder da força policial, a serviço de grileiros, pressionando o ocupante da terra, fazendo o



Posseiros protestam contra prisões.

jogo dos novos coronéis do café". Durante a manifestação houve um grande entusiasmo dos presentes (600 pessoas) quando seus companheiros foram libertados e vieram para a praça confraternizar com os companheiros. (Da Sucursal da Bahia).

Funcionários derrotam coronel

Desesperado com a reação combativa dos funcionários do Hospital do Servidor Público de São Paulo aos seus desmandos, o Coronel Freitas, diretor da instituição, apelou ainda mais para a ignorância. Demitiu dois médicos, passou a impedir reuniões dos funcionários, tentou lacrar a sede da Associação dos Médicos, suspendeu outros 13 médicos da seção de neurologia.

Mas a emenda saiu pior do que o soneto para o coronel. A partir de uma iniciativa do chefe da seção de neurologia, dr. Roberto Melgarano, todos os 450 médicos do hospital declararam-se suspensos também, em solidariedade aos colegas. No dia seguinte, enturpecido, o coronel demitiu a dra. Helenita Simão e

o dr. Jamil Murad, presidenta e diretor da Associação dos Médicos. Só serviu para jogar mais lenha na fogueira. Agora são também os doentes da enfermagem de neurologia que fizeram um abaixo-assinado contra a falta de medicamentos, a comida ruim, os banheiros quebrados, e chegaram a ameaçar com uma passeata.

A reação da categoria em geral, do Sindicato dos Médicos, da Associação Paulista de Medicina e da opinião pública também foi imediata. O coronel isolou-se mais ainda, sofrendo denúncias de corrupção e abuso do poder, amparado apenas pelo governador Salim Maluf. E finalmente teve de voltar atrás, reconsiderando as punições e readmitindo os médicos afastados.



Professores I

A grande greve de Goiás

A greve dos 45 mil professores e funcionários públicos de Goiás, que já dura mais de 20 dias, é a maior mobilização popular no Estado desde 1968. E a assembleia realizada no último dia 13 foi considerada como a maior já realizada por categoria profissional em toda a história de Goiás. Contou com a participação de 6 mil pessoas que vieram até o local de reunião em animada passeata pelas ruas de Goiânia.

Essa foi a resposta dos grevistas ao governador Valadao e ao ministro do Trabalho, que além de considerar a greve ilegal fizeram ameaças de demissões em massa e enquadramento na Lei de Segurança Nacional. Os professores denunciaram o governador por juntar ao salário de fome a repressão para tentar quebrar sua disposição de luta.

Entretanto, seus planos falharam. Depois de considerada ilegal, a bem organizada greve fortaleceu-se e ampliou-se ainda mais. Imediatamente, os professores e alunos das três universidades da capital pararam em solidariedade, seguidas dos professores de inúmeros colégios particulares. Durante a assem-

bléia os professores comprometeram-se a só voltarem ao trabalho depois que suas reivindicações forem atendidas. E formaram uma comissão de negociação, composta por personalidades representativas, para negociar com o governo. E decidiram ampliar o movimento indo buscar o apoio de outros setores da população.

Os grevistas continuam firmes em seu objetivo de obrigar o governo do Estado e a prefeitura de Goiânia a honrarem a promessa feita à categoria, durante a greve do ano passado. Naquela ocasião foi acertado que os funcionários receberiam um reajuste de 120 por cento em duas parcelas. A primeira, de 65 por cento, de imediato. E a segunda, de 55 por cento a ser paga em fevereiro último, o que não ocorreu. Além disso, os professores deveriam ser incluídos em qualquer aumento que viesse a ser dado a funcionários públicos. Houve um aumento de 30 por cento que eles não receberam. Assim, hoje lutam pelos 55 por cento mais os 30 por cento, que dá um total de 101 por cento sobre o salários atual.

Professores II

A luta chega no Acre

Os professores do Acre também estão em luta por melhores salários, pois já não suportam mais a extrema miséria a que estão submetidos. Depois do aumento de 39% que obtiveram no ano passado, o salário de um professor rural naquele Estado, varia de 600,00 à 2.000,00 mensais.

Assim, chegados a uma situação de grande penúria e compreendendo que só

eles mesmos poderiam mudá-la, os professores começaram a organizar um movimento por melhores salários. E logo de cara tiveram de enfrentar o cinismo do governador do Estado, sr. Joaquim Macedo que apareceu em uma de suas reuniões propondo um aumento de 39%. Como é lógico, foi vaiado. Os professores querem pelo menos 100%, e decidiram entrar em greve numa assembleia dia 15 último.

Professores III

Em Minas também

Os professores da rede particular de ensino de Minas Gerais, também estão em campanha. Eles exigem um aumento salarial e outras reivindicações como: pagamento pelos serviços extra-classe, percentagem por aluno excedente, pagamento pelas "janelas" (horário livre entre uma e outra aula) e por estabilidade para os representantes sindicais.

Sua mobilização tem enfrentado inúmeras dificuldades, desde a dispersão, as desigualdades salariais até a pouca experiência de luta. Contando com essas

fragilidades, os proprietários, das escolas vêm tentando impor um inaceitável índice de apenas 38,7% de aumento. As negociações entre as partes estavam se desenrolando muito lentamente, com os patrões tentando esvaziar o movimento. Foi preciso uma assembleia de 500 pessoas para que o sindicato patronal levasse mais a sério os mestres. Agora vai depender da mobilização da categoria, que no ano passado realizou uma greve que despertou apoio maciço do povo mineiro, estendeu-se por todo o Estado e terminou com expressiva vitória.

Professores IV

O encontro de Belo Horizonte

Enquanto os movimentos reivindicatórios de professores continuam pipocando um pouco por todo o Brasil, a categoria reuniu-se num Encontro Nacional, em Belo Horizonte, durante os dias 14 e 15 de março, para debater seus problemas. O encontro contou com a presença de mais de 700 delegados, representando 18 Estados, o que indica considerável avanço em relação à reunião do ano passado.

Depois de um debate acalorado, onde não faltaram tentativas de divisão e encaminhamentos paralelos, a plenária dos professores brasileiros adotou uma série de resoluções destinadas a impulsionar consideravelmente as lutas nas escolas:

as reivindicações salariais da categoria foram unificadas nacionalmente, na base de 15% sobre o INPC e piso de três salários-mínimos; definição do 27 de março como "Dia Nacional de Luta pelo Ensino Público e Gratuito"; e exigência de verbas para a educação correspondentes a 12% do orçamento da União e 25% dos orçamentos estaduais.

As decisões do II Encontro Nacional dos Professores aumentam de importância porque coincidem com uma retomada das lutas estudantis, centrando fogo justamente no grave problema da escassez de verbas e da implantação do ensino pago. A perspectiva que se abre é de uma aliança ainda mais estreita e combativa entre estudantes e professores.

A morte que revoltou Belém

A morte do estudante paraense César Moraes Leite, baleado "acidentalmente" por um agente da Polícia Federal, serviu de estopim para mais uma manifestação de repúdio da população ao regime militar.

O clima de revolta contagiou Belém. A Universidade Federal do Pará paralisou imediatamente suas aulas, enquanto alunos e professores apontavam que não era por "acidente" que o agente Jaime Braun andava armado nas aulas: sua função na escola era de estudante profissional, delator e policial. Debaxo de chuva, centenas de universitários acompanharam o sepultamento de seu colega. O Secretário de Segurança do Estado logo mostrou os dentes, acusando os estudantes por darem conotação política ao fato e chamando-os de "inbecis". O reitor suspendeu as aulas na universidade pelo restante da semana,



Luto e protesto em Belém do Pará

enquanto proibia uma reunião no Diretório Central dos Estudantes. Mas os universitários foram às ruas mesmo assim, cercados pela solidariedade comovida de toda a população, numa passeata que começou com 500 pessoas para logo ser engrossada por muitas outras. No centro da denúncia, o grande culpado: o regime militar, inimigo dos estudantes e de todo o povo.

Um brasileiro na Nicarágua

Luis Eduardo Greenhalg, da Executiva do Comitê Brasileiro de Anistia, esteve na Nicarágua a convite dos Sandinistas.

Iniciamos aqui uma série com o relato do que ele viu e ouviu.

Três coisas me impressionaram basicamente na Nicarágua. A primeira delas foi a participação do povo na revolução. Isso me deu a certeza de que quando o povo decide alterar substancialmente a estrutura em que vive, ele é invencível. Não é uma conclusão nova. Mas me impressionou muito a decisão coletiva de alterar a ordem vigente.

A Frente Sandinista englobou todos os setores explorados, desde o campo até a cidade, desde crianças até anciãos. Basta dizer que a média de idade dos guerrilheiros varia de 14 a 17 anos.

Senti uma decisão inquebrável do povo de prosseguir na revolução, sem volta.

Por isso, o governo não está precisando de uma implantação imediata do socialismo. Essa é uma discussão em curso lá na Nicarágua. Os trotsquistas acham que a revolução não está caminhando com a rapidez necessária, que há o perigo da contra-revolução. Eu não acho isso. Quando você tem um povo em armas, decidido a construir o socialismo, como vi lá, há condições para se ir alterando gradativamente as estruturas do Estado, consolidando essas transformações.

CADA REVOLUÇÃO, UM CAMINHO

A segunda coisa que me impressionou foi o seguinte: as revoluções não se repetem mecanicamente. E a revolução da Nicarágua é diferente da cubana, da soviética, da albanesa, da angolana, etc. O que equivale a dizer que é um erro copiar mecanicamente os modelos de revoluções já realizadas em outros países. O que se deve fazer é apreender princípios gerais comuns a todas essas revoluções e aplicá-los, adequando-os à realidade do povo.

É importante tocar um pouco na história da Frente Sandinista de Libertação. Sandino era um combatente antiimperialista e revolucionário. Numa das vezes em que os EUA mandaram à Nicarágua uma "Força de Paz" (na verdade um exército de ocupação dos mariners), Sandino se enfurnou nas montanhas com um pequeno grupo de guerrilheiros e conseguiu expulsar as forças de ocupação. Depois disso, ele foi convidado para formar um governo de coalizão. Foi convidado para um jantar, com o pai do Anastácio Somoza. Quando ele saiu, foi baleado e morto. Era uma cilada.

A FRENTE SANDINISTA

Em 1962, Carlos Fonseca Amador cria a Frente Sandinista, juntamente com Thomas Borges e outros. Havia partidos



A marcha da vitória sandinista

tradicionais de esquerda, ligados à URSS e à China. Mas o primeiro era muito conciliador, gostava da política de bastidores, dos conchavos. E o pró-chinês era insignificante do ponto de vista das massas. A Frente começou a fazer seu trabalho, dando importância aos camponeses. Foi muito reprimida. Houve momentos em que seus militantes não passavam de uma dezena. Mas eles foram levando a luta até a tomada do poder.

Só quando já era inequívoca a possibilidade de vitória, esses partidos começaram a participar da Frente, tomando uma atitude oportunista. O Partido pró-chinês é o maior exemplo da trajetória da China nos últimos anos. Eles haviam criado as Milícias Populares Anti-somozistas, que hoje se voltam contra os sandinistas. Quando eu estava lá, eles executaram um dirigente operário da Central Sandinista dos Trabalhadores.

A meu ver o segredo do sucesso da Frente foi ter encontrado uma unidade dentro das diversas tendências que a compunham: os que defendiam a guerra popular prolongada, os insurrecionalistas, e os terceiristas, que defendiam que os dois outros setores tinham parcial-

AS MULHERES E A REVOLUÇÃO

mente razão. A terceira coisa que me impressionou foi a participação das mulheres e da Igreja. Basta dizer que 35% dos combatentes da Frente Sandinista de Libertação são mulheres. E a primeira cidade libertada (León) teve no comando da operação uma mulher, a comandante Dora. Ela é considerada uma heroína do povo, morreu ao final dessa operação. Em cada Estado Maior da Frente (for-



O povo festeja a liberdade.

mado por 3 membros) existe pelo menos uma mulher. Isso trouxe uma qualidade nova na revolução da Nicarágua: a mulher conquistou o direito de participar em nível de direção na guerra de libertação. Lá o pessoal trata as mulheres de forma diferente. Chamou-me atenção o respeito que os homens têm por elas. A mulher é chamada a dar sua opinião sobre todo e qualquer assunto. E sua palavra é muito levada em conta. Nas reuniões em que estive presente, as mulheres invariavelmente participavam.

A IGREJA NA REVOLUÇÃO

A participação da Igreja comprometeu com o povo também foi altamente significativa. A população da Nicarágua é majoritariamente católica. Eu cheguei a ver muito guerrilheiro da Frente Sandinista com crucifixo, com terço no peçoço. Quando tinha missa, as igrejas ficavam lotadas e quase todos eram membros da Frente.

Mesmo durante a insurreição se celebrava missa nos acampamentos guerrilheiros. E no governo agora existem três ministros sacerdotes. Muitos padres morreram na luta.

Rodésia-Zimbábue: uma vitória do povo

A ZANU (União Nacional Africana do Zimbábue) surpreendeu todo o mundo com sua estrondosa vitória nas eleições deste mês. Ficou com 63% da votação total e 57 das 80 cadeiras que disputou no parlamento, enquanto a ZAPU, sua aliada na Frente Patriótica, ficou com outros 20 cadeiras. Assim, a força britânica que conduziu o processo viu-se na obrigação de convidar o presidente da ZANU, Robert Mugabe, para formar o primeiro governo não racista do país.

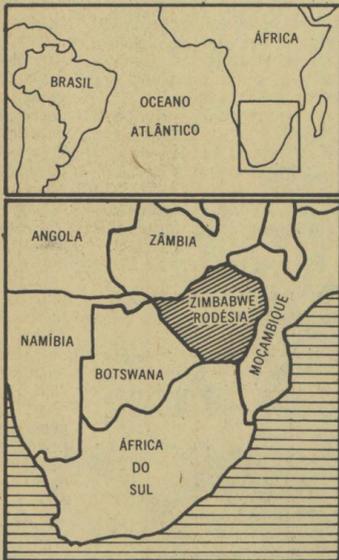
UM POUCO DE HISTÓRIA

A colonização do Zimbábue (nome africano da Rodésia) ocorreu quando o mundo entrou na época do imperialismo. Uma poderosa resistência do povo africano, entre 1890 e 1894, foi esmagada pelas modernas armas britânicas.

A luta de libertação retomou o ascenso depois da 2 Guerra Mundial. Ao princípio, a Inglaterra respondeu aumentando a repressão. E 1959, proibiu todas as organizações políticas africanas. Em 1961, impôs uma nova Constituição à Rodésia, concentrando todo o poder nas mãos da minoria branca. Em resposta, os movimentos nacionalistas se fortaleceram e em 1961 surgiu a ZAPU e em 62 a ZANU. A nível internacional, a ONU condenou a política britânica na Rodésia. A segurança dos interesses ocidentais começava a perigar.

A FASE DA LUTA ARMADA

O governo inglês elaborou então um projeto de independência política formal, que passaria o poder para as mãos de negros moderados, deixando intactos os interesses imperialistas. O plano era substituir o colonialismo pelo neocolonialismo. Mas muitos brancos, temendo perder seus privilégios, recusaram o projeto britânico, se agruparam em tor-



no do racista-mor Ian Smith e proclamaram unilateralmente a independência da Rodésia, sob o domínio da população branca.

As duas forças que sobressairam na resistência ao regime racista iniciam em 1972 a luta armada. A ZANU se destaca como a organização mais combativa e consequente, entendendo que a guerra popular de libertação deve se apoiar antes de mais nada nas forças do próprio povo de Zimbábue. A correlação de forças melhorou enormemente para os

guerrilheiros com a independência das colônias portuguesas vizinhas (veja o mapa) e a coligação da ZANU e da ZAPU numa só Frente Patriótica. A ZANU passou a utilizar bases em Moçambique, enquanto a ZAPU contava com bases na Zâmbia e apoio soviético. A guerra se alastrou pelos campos de todo o país.

Foi neste contexto que a Frente Patriótica e o governo de Ian Smith, reunidos em Londres no fim do ano passado, aceitaram uma proposta britânica de eleições para um parlamento, onde os negros (6 milhões no total) ficariam com 80 cadeiras e os brancos (300 mil) com 20. Mas a jogada imperialista de isolar as forças revolucionárias gorou. A ZANU, vitoriosa nos campos de batalha, venceu também nas urnas e conquistou a maioria.

QUEM SÃO OS VENCEDORES?

A nomeação de Robert Mugabe para primeiro ministro não significa que o povo de Zimbábue tenha derrotado de vez o imperialismo. Os limites impostos pelo processo eleitoral são muito estreitos. A estrutura militar repressiva racista e colonialista está intacta. Para enfrentar essa situação, Mugabe manteve a frente com a ZAPU, oferecendo ao líder desta, N'Komo, o Ministério do Interior. Também acenou para a minoria branca com discursos conciliadores e até nomeou para a chefia militar do país o homem que comandou a repressão à guerrilha nestes anos todos, Peter Wells. A situação continua instável e as multinationais jogam exatamente para se aproveitar deste precário equilíbrio. Para conquistar a verdadeira independência de sua pátria, a ZANU vai ter de percorrer até o fim o caminho que se abriu até hoje, de luta intransigente pelos interesses do povo.

Ação Armada no Paraguai

Eram 30 homens armados, que numa tarde de sábado atacaram um ônibus na localidade paraguaia de Caaguazu, a menos de 200 quilômetros da fronteira com o Brasil. Tomaram o ônibus, entraram em combate com tropas da polícia, matando um tenente e ferindo um soldado. Depois, internaram-se na mata.

O general Alfredo Stroessner, que hospedará em abril seu colega de farda e poder João Baptista Figueiredo, garante que trata-se de "um grupo de assaltantes e delinquentes". Mas os moradores de Caaguazu dizem que são guerrilheiros e que há mais de 300 deles na selva. O exército paraguaio desencadeou imediatamente uma operação de extermínio. Fala-se em desseis guerrilheiros mor-

tos e enterrados numa vala comum.

Continua obscura a origem da ação armada, que teria sido feita por camponeses da "Liga Agrária Camponesa", sob a liderança de um certo Vito Centurion, que identificou-se como "peão dos brasileiros". No fundo do problema estaria a expansão dos latifúndios brasileiros, que já ultrapassaram a fronteira e vão tomando conta do Paraguai. A visita de Figueiredo ao Paraguai objetiva reforçar essa penetração, inclusive aprovando o projeto de uma ferrovia ligando Assunção ao Brasil. Visa também dar mão forte a Stroessner, o ditador corrupto e violento que governa o país há 26 anos, a serviço de poderosos interesses norte-americanos e também brasileiros.

Negócios da China

A delegação comercial do governo brasileiro que acaba de visitar a China para um primeiro contato voltou admirada. Um dos seus componentes, Pedro Assunção, dizia ao voltar: "Aprendemos agora que os chineses são gente como nós, têm um senso pragmático e realista das negociações".

Palavras assim, soam como o maior dos elogios para os dirigentes chineses, empenhados em assinalar a última palavra em matéria de espírito capitalista do mundo ocidental. Mas até os negociantes brasileiros ficaram surpreendidos com a "extrema flexibilidade" dos chineses. Não há limites para a remessa de lucros ao exterior, nem para o controle estrangeiro de empresas. Negócio da China!

fala o POVO

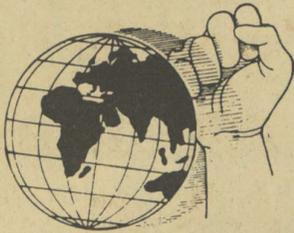
Parabéns, correspondentes voluntários, nossa seção está plenamente vitoriosa, recebe um número cada vez maior de cartas. Para que todas possam ser logo publicadas continuaremos a insistir para que escrevam curto e grosso e sobre fatos concretos. Continuem a escrever!

Metalúrgico sueco propõe união mundial dos operários

Eu trabalhava na Suécia numa indústria que tem aqui também e participei de uma greve para defender nossos salários. Sei que os donos (das empresas) sempre tentam transferir a produção para outros países quando ocorrem maiores greves. E se os operários realmente conquistam uma situação melhor eles fecham a indústria e vão para um lugar onde os operários são mais explorados ainda. Por isso, eu, como muitos outros operários da Europa, estou bem feliz vendo que a classe operária no Brasil está levantando a cabeça.

Mas não é só por causa destas lutas cotidianas que nós necessitamos a solidariedade e a luta de todos os operários no mundo. Pois mesmo se conseguirmos uma vida digna como no meu país, a Suécia, tudo isso se mostra bem frágil quando o sistema entra em crise. As crises existem porque os operários e camponeses produzem uma montanha de coisas que eles necessitam mas que seus salários não podem comprar. (...)

Na Europa, como aqui, a crise começou, os salários diminuíam e pior ainda muitos operários ficam desempregados. Em todos os países os operários lutam contra isso, contra o arrocho salarial e as demissões, como ocorre na greve na Inglaterra, que conta com apoio em toda a Europa.



Os capitalistas sempre tentam "resolver" as crises com menores salários e com uma repressão dura sobre os que não cedem. No fim, a única "solução" para eles é a guerra. Como mostra a História, os grandes capitalistas, os imperialistas, começam a guerra para obter novos mercados, onde possam vender com lucro.

Por tudo isso não podemos só lutar por melhores condições nesse sistema, pois assim sempre vamos perder. (...) Temos que vencer a ditadura dos imperialistas numa revolução e criar o poder da classe operária junto com o povo.

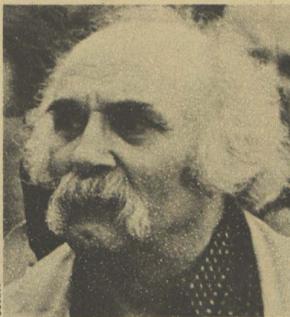
E nesta luta dura que a solidariedade entre todos os operários e povos oprimidos no mundo é fundamental para nossa vitória contra a barbárie. A primeira coisa a fazer é convencer nossos companheiros de que nós realmente podemos vencer, se nos unirmos. (G. Thomas — metalúrgico sueco)

Falem mais dos heróis do povo

Gostaria de registrar o quanto fiquei satisfeito com a reportagem sobre Stálin publicada no exemplar nº 3 deste magnífico jornal. Um jornal operário que visa educar a classe operária para a construção do socialismo em nosso país muito cumpriu seu papel ao nos mostrar a vida deste que foi um dos maiores dirigentes da classe operária no mundo.

Quero aproveitar a oportunidade para sugerir que este tipo de reportagem se repita por ocasião da passagem do aniversário de falecimento de outros grandes líderes operários, como Karl Marx, Engels e Lenine. Gostaria que o mesmo acontecesse com todos aqueles que deram suas vidas na defesa da libertação do povo brasileiro, como Pedro Pomar, Diógenes Arruda, Zumbi, Lampião, Pajeú, Tiradentes, e aqueles que tombaram lutando nas selvas do Araguaia, como Maurício Grabois, Dina, Oswaldão e outros.

No mais, só posso afirmar que finalmente chegou o jornal que tanto a classe operária esperou. (J.F. - Juiz de Fora, MG)



Diógenes Arruda Câmara

Companheiro

Arruda, companheiro, tua morte não extingue a chama: Teu exemplo inflama outros corações.

Arruda, companheiro, tua presença roubada exige ação; Fazer vingar a semente que plantaste, fazer nascer o mundo que sonhaste.

(Um baiano de Salvador, BA)

Onde está Joel?

No dia 19 de março de 1980 completam-se 10 anos do "desaparecimento" do então estudante da Escola Técnica do Rio de Janeiro, Joel Vasconcelos Santos, ex-vice-presidente da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas.

Filho de ferroviário, nascido em Nazaré das Farinhas, Bahia, muito cedo se incorporou às lutas de nosso povo, participando das "lutas de 68": a partir daí, participou das mobilizações, ajudou a organização dos estudantes secundaristas brasileiros.

Joel foi preso no Morro do Borel ao lado de Antônio Carlos de Oliveira da Silva, o "Mandakall", única testemunha da prisão, que assim relata a detenção, nas esquinas das ruas São Miguel e Max Fleiuss: "Um dia à tarde, encontrei Joel no pé do morro e começamos a conversar. Quando ele me



Joel há 5 anos. Última foto

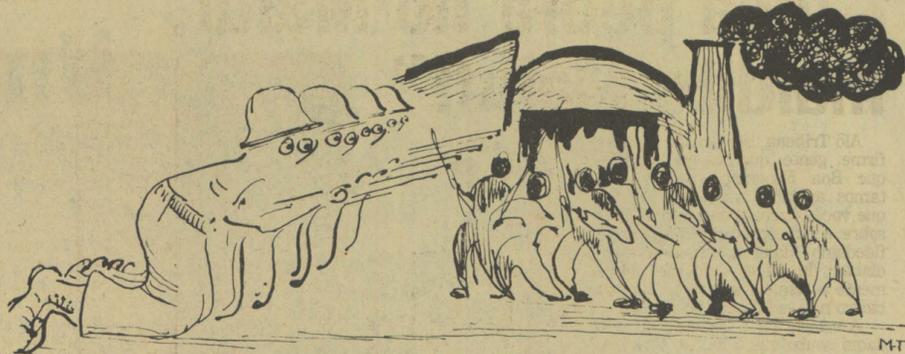
Tendência Popular nos três partidos

Figueiredo, sentindo pressão de todos os lados e principalmente do movimento popular, tenta manobrar. Tenta dividir o movimento com a anistia restrita, favorecendo determinadas camadas do movimento popular. Logo depois ele baixa o patoção da reformulação partidária. Com isto ele tenta dividir a oposição, que se articula em três partidos: O PMDB, o PT e o PTB. (...)

Como não houve possibilidade de manter a unidade do movimento popular ainda frágil num mesmo partido, os parlamentares que foram eleitos com o compromisso

popular dividiram-se nestes três partidos de oposição ao regime. Neste quadro, nós devemos procurar formar a Tendência Popular nos três partidos. Essa tendência popular deve assumir um compromisso com o movimento popular, independente do partido de origem, procurando forjar uma frente popular contra o regime implantado desde 64.

Com a formação da Tendência Popular estaremos superando e afastando as intenções do governo de nos dividir e com isto vamos isolar ainda mais o governo. (J.C. Rio de Janeiro, RJ)



Caterpillar: uma luta para tirar a tristeza

Na greve de novembro de 1979, na Caterpillar sofremos fechados dentro da fábrica, sem que pudessemos conversar com os colegas. Tanta era a pressão que chegamos até a ser ameaçados: caso alguém falasse em greve seria dispensado sem direito. Um colega nosso chegou a ser ameaçado com um revólver.

Depois disso eles (os patrões) faziam o que queriam. Tramaram contra o pessoal da produção. Inventaram essa meia hora de almoço. Eles tentaram pegar nós de surpresa. Quando foi 9:30 hs eles avisaram que só ia ter meia hora de almoço. Aí teve a revolta. Quando foi 10hs o setor de usinagem

parou em protesto. Durante uns minutos a chefia fez uma reunião e voltou a dizer que não dava para mudar mais porque os planos da firma estavam todos marcados. Aí começou a pressão. Antes do almoço os chefes, que são muitos, diziam: "quem não trabalhar perde as horas de sábado, domingo e feriado, e ainda está sujeito a severas punições".

Aí veio a hora do almoço e encheu de chefes nas seções para pressionar. Mas ninguém teve medo e o setor de usinagem e manutenção fez uma hora. Foi quando um supervisor chegou no pátio provocando os operários, chamando eles de burro e palhaço,

na tentativa de alguém agir e eles mandarem embora sem direito.

No dia seguinte, os chefes se reuniram e voltaram para a seção pedindo desculpas em nome da firma. Pediram que a gente voltasse a trabalhar meia hora e que isso não ia acontecer mais. E conseguiram ganhar a consciência do pessoal. Mas 9 operários fizeram uma hora de almoço e receberam cartela. Alguns podem pensar que foi mais um fracasso. Mas conseguimos tirar um clima de tristeza que tinha ficado da greve passada onde trabalhamos cercados por policiais e cavalos. Mostramos que nós sabemos o que queremos. (Um operário da Caterpillar do Brasil S.A. - São Paulo - SP)

Grande idéia: um centro de cultura do trabalhador

O CECUT, Centro Cultural do Trabalhador, é uma entidade criada por trabalhadores de várias categorias. Tem a intenção de fazer aparecer e tornar conhecida a cultura do trabalhador, seu próprio modo de viver e suas formas de criar, sempre negadas pela exploração das classes dominantes.

As atividades do Centro Cultural do Trabalhador incluem palestras, cursos profissionalizantes e de sindicalismo, seminários, teatro, um grupo de música, um coral e uma biblioteca. E nas atividades que os companheiros poderão fazer o CECUT caminhar no rumo certo,

planejando e desenvolvendo para os interesses dos trabalhadores.

Há também as comissões de Finanças, Propaganda e Relacionamento com outras entidades, de Secretaria, necessárias ao funcionamento do CECUT onde você pode participar ativamente.

A cultura do trabalhador está no que ele faz. Vá conhecê-la e mostre a todos o tamanho dela. Os trabalhadores serão donos de sua própria cultura, participando de seu centro cultural. A sede é na rua Lucas Rodrigues, 62, apt. 301, Parada do Lucas, RJ. (S.P.R. - Rio de Janeiro, RJ)

Amargando a falta de água

O povo pobre de Amargosa vem sofrendo constantemente a falta de água nesta cidade, apesar deste líquido precioso vir da serra por gravidade e não dar despesa à companhia, a não ser quando aparece vazamento nos canos. Tem rua que leva três ou quatro dias sem água. Apesar do alto preço que nós pagamos, não temos água suficiente para as nossas necessidades. Nenhum político reclama em favor do povo para não se incompatibilizar com os dedos-duros.

Os aumentos são feitos à revelia. Casa que só gasta quatro metros (cúbicos) de água paga 119 cruzeiros. (N.S. - Amargosa, BA)

A impublicável verdade

Me prenderam, me violentaram. Fui maltratado, fui humilhado. Eu era inocente. Mas não era afortunado.

Passei miseráveis dias. Passei dias enjaulado. E depois fui condenado. Porque não era afortunado.

Todos falam, todos gritam. Mesmo assim são educados. Afastado e calado sou mal-educado. Porque não sou afortunado.

Ele é bonito, eu sou feio. Ele é amável, eu sou detestável. Ele é gênio, eu sou debilídeo. Ele é afortunado.

E a justiça dos homens, que se diz cega. Porque será que para uns enxerga? Como é que ela distingue. O doce de uma merda?

Essa é a verdadeira verdade. A verdade que está tachada. Mas um dia com certeza. Não será ignorada. (M.A. - Montes Claros, MG)

Para a Tribuna melhorar

Desde o lançamento da Tribuna Operária que venho acompanhando com entusiasmo esta nova tribuna de defesa dos interesses dos trabalhadores da cidade e do campo. Porém desejo tecer algumas considerações, ou sejam:

que a Tribuna contenha mais ilustrações, inclusive fotos. que em cada edição seja entrevistado alguém que se identifique com a nossa luta contra a ditadura. Por exemplo: integrantes do Movimento Contra a Carestia, Movimentos de Defesa dos Direitos Humanos, Movimentos de Anistia, políticos populares. Seriam mini-entrevistas. Como o jornal é mais consumido pelos trabalhadores da cidade, seria interessante abordar o futebol, o outro lado do futebol — os seus porões.

E finalizando sugiro a criação de um slogan, as sugestões poderiam ser recolhidas junto ao público leitor. (R.M. - Salvador, BA)



Lutem, amigos posseiros

Lá práns bandas das Gerais. No sertão norte-mineiro. Foi chegando a Itapeva. E expulsando os posseiros.

E a "Vale do Rio Doce". Do outro lado da serra. Impedia os camponeses. De cultivar sua própria terra.

Também as coisas nativas,

Como o coquinho, o sequi. Deixaram de existir. Por essas bandas daqui.

Essas duas companhias. São multinacionais. E já vão chegando e expulsando. Os posseiros das Gerais.

Vão arrancando os sequeiros. Vão levando todo o mel.

Vão plantando eucalipto. Para fabricar papel.

Lutem por suas terras, Lutem, amigos posseiros. E expulsem do Brasil. Os parasitas estrangeiros!

(E.X.S. - 13 anos, Montes Claros, MG)

Sigaud, o bispo vigarista



D. Sigaud; a serviço do diabo

A região do Vale do Jequitinhonha é considerada uma das mais pobres do mundo e a mais pobre do Brasil. Além da miséria, da doença de Chagas, da esquistossomose, que mata 167 crianças em mil, um monstro vive e continua espalhando sua "sigausidade" pelo Vale. Ele é dom Geraldo Proença Sigaud, fundador da T.F.P., Tradição, Família e Propriedade, testa de ferro do capital estrangeiro e dos monopólios na região. E o bispo da Arquidiocese de Diamantina. E o membro mais conservador da Igreja no Brasil. Além de defender o capitalismo explorador, vive vendo comunistas em todo canto; isto é, aqueles padres ou qualquer pessoa que lute pelos direitos dos explorados.

Chega a ser tão conservador, que abandonou a T.F.P. por achar que estava muito progressista. Vestido como representante de Jesus

Cristo, ele age pro Diabo e ainda tenta impedir que padres do Vale lutem pelo povo. E de dar nojo ver aquele homem vestido de preto e com um anel no dedo, que o povo se ajoelha e beija, pensando que assim venha poder ter as graças do Céu. Ele se esqueceu que em alguma parte a Bíblia fala coisas como: "não matar, não roubar, não prestar falso testemunho", etc. Mas todas essas coisas se tornaram ultrapassadas para ele, que agora anda preocupado com sua Cia. de Reflorestamento, sua tapeçaria e sua colônia de férias.

Esta é a sina do Vale; ter um bispo vigarista, que trocou a defesa dos pecados capitais pelo seu devotamento ao capitalismo, que entra no Vale e faz com que nossa gente do campo vá à procura de terra, deixando tanta terra nas mãos dos sigauds imperialistas. (B.P. - Belo Horizonte, MG)

“Joga pedra no Maluf, maldito Maluf!”

Alô Tribuna, alô Brasil! Aguenta firme, gente, que nós aqui do Parque Boa Esperança também estamos apoiando vocês da TO. Sei que vocês fizeram uma reportagem sobre a “recepção popular” ao infidélito Maluf e outros trombadinhas de baixo coturno. Realmente a semana inteira aqui no bairro não se falou de outra coisa.

A estória foi a seguinte: o povo daqui soube que Maluf & Cia. iam aproveitar uma missa campal que se realizaria no bairro para poder engrupir a gente. Ai se começou a discutir como receber esta malta. Depois de um debate livre se decidiu que o negócio era escrever uns lemas contra a mudança da Capital e outros roubos. (...) E cantar uma paródia: “Joga pedra no Maluf/ Ele rouba qualquer um/ Maldito Maluf”. Como o jacaré não veio, não cantamos.

No outro dia se resolveu que a gente devia questionar a demagogia da Malufada e seus sequazes. (...) Terminada a missa campal o povo pediu a palavra; e quando começou a questionar a “ausência dessas autoridades que não respeitam nem suas palavras”, um puxa-saco (e pra dar nome aos bois, ou melhor, às vacas do Maluf, esse se chama Francisco Alcântara, da Sociedade Amigos do Bairro), veio e cortou os fios do microfone. Mas existia ainda um



Carlinhos

outro aparelho de som é o povo dele se apossou e rasgou a cartilha. Os outros “puxas” ainda tentaram intervir e cortar esse outro aparelho, ao que o povo avançou sobre esses agressores. Uma mulher empurrou o traste e perguntou se ele queria apanhar. Foi um corre-corre, mandaram a polícia intervir, mas essa viu que o povo além de não querer bagunçar o coreto estava organizado; por isso não houve pancadaria. Estava me esquecendo: o Maluf

mandou para representá-lo um maluk's — o Manoel Sala — esse 13º apóstolo do MDB, esse Judas do povo. (...) Ele tem aqui no bairro alguns torpes correligionários. Prá esses ele disse: “isso que aconteceu foi promovido por gente de fora” e que “esses padres não são iguais aos padres portugueses ou italianos, mas padres israelitas, comunistas”. E assim, gente. Quando o povo grita, a canalhada apita (na curva). (J.S.R. Parque Boa Esperança, São Paulo - SP)

Embu: fábricas não cumprem a lei

Há várias firmas metalúrgicas e outras que se mudaram de São Paulo para Embú Guaçu, para fugir um pouco da lei e dos movimentos. Elas fazem o que querem, porque os operários não têm condições de se unirem e fazer qualquer movimento.

Inclusive, em uma firma que eu trabalho, por uma mínima coisa eles (os patrões) chamam a atenção dos funcionários, dão suspensão, carta de advertência e mandam embora sem direito a nada. Esta é minha declaração. (P.B. - M'Boi Mirim, SP)

Todos exploram os pescadores

Quero aqui em Minas fazer uma denúncia sobre o que está se passando lá em Canoá Quebrada, município de Aracati, Ceará. Pois talvez os companheiros de Fortaleza ainda não tenham conhecimento do que se passou e do que continuam a passar os pescadores de lá. Devido à sua beleza, Canoá recebe muitos estudantes do Rio, São Paulo e outras capitais e do estrangeiro, que vão para lá e ficam na casa dos pescadores, comendo e bebendo de graça, sem lhes dar nada em troca, nem os seus conhecimentos de medicina, engenharia, etc, que poderia ajudá-los na vida miserável que vivem.

No ano passado, por exemplo, a polícia de Fortaleza foi lá dando busca, dizendo que estava procurando maconheiros. Levaram três pobres velhos pescadores. Ameaçaram e pressionaram eles para falarem sobre pessoas que iam em Canoá. Depois de todo esse sufoco, soltaram eles no centro de Fortaleza, onde nunca tinham ido. Com muita dificuldade conseguiram voltar para Canoá Quebrada. Então, companheiros de Fortaleza, é preciso ajudar essa gente boa, que são os pescadores de Canoá. (...) Segundo informações recentes que tive, a indústria turística entrou lá de sola, e vai construir um hotel. Se isso acontecer, vai fazer todos os pescadores trabalharem para a empresa construtora e o capitalismo se espalhará pela aldeia, que outrora era de paz e beleza. (B.P. - Belo Horizonte, MG)



PM em ação; contra o povo, seja de que idade for.

Juiz de Fora: polícia espanca crianças

No dia 4 de fevereiro, quando regressavam da partida final do Campeonato Amador de Futebol, torcedores do Bonsucesso foram interceptados por um micro-ônibus da PM, ordenando que os torcedores descessem do caminhão que os transportava, já que é proibido transportar pessoas em carrocerias abertas. Alguns policiais subiram na carroceria a fim de tornar mais rápida a descida dos torcedores. Estes, obedecendo às ordens, começaram a pular para o chão e traçoicamente eram espancados quando caíram próximos aos policiais armados de cassetetes e com revólveres em punho.

O restante da caravana de torcedores que vinha mais atrás em veículos parou. E assim descreveu a cena o seu presidente, Sr. Osvaldo Nunes Almeida: “Vi o caminhão parado e cerca de 15 policiais espancando as crianças, num dos maiores absurdos que já presenciei em minha vida. Não mediam esforços em aplicar dezenas de gol-

pes com os cassetetes, sempre visando atingir o corpo das crianças que, indefesas, saíam correndo, tentando alcançar o rio Parraibuna, onde talvez ficassem a salvo do espancamento”.

A diretoria do Clube denunciou esta arbitrariedade no Batalhão de Polícia, cuja comandante prometeu abrir inquérito. Resta saber como se desenvolverá o processo; pois quando um estudante foi covardemente assassinado no ano passado, por um soldado da polícia, o inquérito foi aberto, mas o processo está em “banho-maria”.

Este caso demonstra como a população de Juiz de Fora vive num total clima de insegurança devido às arbitrariedades policiais que aumentam dia a dia, destacando-se hoje as arbitrariedades de agentes da Polícia Federal cometidas nos bairros de periferia contra trabalhadores, a pretexto de “identificação de suspeitos”. (Grupo de amigos da TO em Juiz de Fora, MG)

Pinga pode, leite não

Venho dizer algumas reclamações sobre a firma “Turismo São Bernardo S/A” (rua Alvaro Alvim, 241, São Bernardo do Campo).

Primeira reclamação: O sr. Antônio Maria, sogro do dono, chefe da funilaria e pintura e aposentado da Mercedes Benz do Brasil por invalidez, não é registrado na firma!

Segunda reclamação: Entram na SABETUR de 10 a 15 litros de pinga por dia nas seções de funilaria e pintura. Responsáveis: Chico Tapeceiro, Amaro Pintor, Antônio Maria, chefe, etc.

Terceira reclamação: Fomos mandados embora porque estávamos tomando leite com pão e manteiga. Favor investigar. (J.P. e A.P., São Bernardo, SP)

Sofrimento do pobre

A terra é de quem trabalha A pobreza tem razão, Nos vinte e três Estados vai ter a renovação para quebrar este muro e trazer libertação

Os operários e lavradores estão passando estreito por isso se resolveram a pegarem no seu eito vamos juntos trabalhar para defender nossos direitos

Com a lei do sindicato e a força da união nós vamos quebrar este muro que oprime os irmãos quero um mundo de justiça que não tenha exploração

Isto eu falo de verdade vocês podem observar os pobres não têm valor quase não têm onde morar

se continuar assim aonde vamos parar?

Para o pobre está difícil não tem colocação para quebrar este muro rejeitado por patrão trabalhamos a vida inteira e não fazemos o pão. Para o senhor eu vou dizer como o povo está vivendo Igual ao peixe do rio o grande engole o pequeno muitos não podem viver então procuram veneno

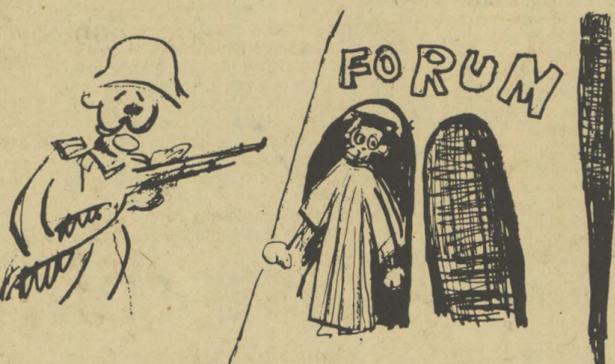
Meu coração está doente de tanto eu ter pensado no que está acontecendo com os pobres dos agregados por causa da opressão estão vivendo apertados.

(M.B.S. - Bela Vista, MA)

Fazendeiro mata trabalhador como se fosse passarinho

Estamos precisando de reforma agrária e também de lei no Brasil. A polícia em Guanambi não está mais preocupada em pegar criminosos. O delegado, quando está precisando de dinheiro, fica olhando para o mundo e pedindo ao Diabo que um adversário mate outro, e que o assassino volte 48 horas depois, para não ter flagrante, e que apareça logo um advogado que aceite a questão e divida o dinheiro da questão com ele, o promotor e o juiz. Assim é em Guanambi, onde ricos fazendeiros podem matar trabalhadores como se fossem passarinhos.

Aqui tem um político por nome de Nengo que matou um pobre operário e antes de matar avisou o delegado que ia matar um adversário. Oscar Teixeira levou oito vagabundos numa fazenda e lá matou um trabalhador rural, pai de família, por causa de Cr\$ 7.000,00



que o trabalhador cobrou uma dívida do fazendeiro. Resultado: o criminoso não sofreu nada e a família do trabalhador ficou na miséria. Estas cenas são as me-

nore do sertão da Bahia e do Brasil. E por isso que precisamos de reforma agrária e lei no Brasil. (Um trabalhador rural de Guanambi, BA)

Negócio de Dona Sara é Monumento

(...) Dona Sara está viajando na sua peregrinação por todo o Brasil à cata de níqueis para sua campanha em prol do monumento “Memorial J.K.”. Grande campanha de utilidade pública?

Dona Sara já se esqueceu do leite que matava a fome de milhares de crianças pobres. Os postos de puericultura que ela criou foram destruídos. Mas, o que fez dona Sara para reerguer estes postos? O que ela fez para amamentar as crianças que tantos votos deram para Juscelino naquela época ser governador de Minas Gerais?

E, o negócio é ostentação. (...) O negócio agora é monumento. As favas das crianças morrendo de fome, não é, dona Sara?

Dona Sara não dará mais leite para as crianças porque hoje ela não precisa de votos.

Essa de campanha de caridade para monumento de Juscelino tá por fora. (...) Só faltava essa no Brasil!

(J.B. - Montes Claros, MG)

Aqui não há justiça

Em Esperantinópolis não existe justiça. Cadeia, aqui, só para gente pobre. Um pobre matou outro no São Roberto; estavam bêbados; o pobre foi pego, amarrado e jogado numa caçamba. Levaram ele para a cadeia, apanhou e sofreu humilhações. Assim é com todos os pobres que fazem alguma coisa. Rico ou bajulado dos politiqueros, pode fazer o que quiser. Agora mesmo um grileiro e criminoso matou um jovem filho de lavradores e não teve nem um dia de cadeia. O criminoso, por nome

Baiano, anda pelo município junto com um pistoleiro, Chico Guarda, sem ter nada contra eles.

A nossa classe está sendo perseguida e o prefeito Aluisio Carneiro só quer voto do povo. Quando é prá defender esse povo, ele fica de do lado dos grileiros, dando todo apoio na cidade. Só a família dele é que é bem servida, os parentes podem fazer o que bem entenderem, vivem todos às custas da prefeitura. Tem deles que só recebe o ordenado no fim do mês. Outros estão enricando à custa das verbas que

deveriam ser a serviço do povo.

Os lavradores estão perseguidos por grileiros, pistoleiros que na cidade recebem toda cobertura dos politiqueros. Aqui, pobre só tem valor quando chega perto das eleições; aí nós somos abraçados. São mesmo que lobos, pensam que nos enganam com registro dado pela L.B.A., retrato, etc. Uma professora está ganhando Cr\$ 450,00 por mês. Até quando a gente vai ser vítima desses lobos? (Um lavrador de Esperantinópolis, MA)

Chega de truques, Bardella!

Mais uma vez é comprovado que a política do governo não é favorável à classe operária, pois esta vem sendo massacrada, explorada, sempre sendo submetida a uma política patronal. E o operariado quando se movimentava se vê tolhido por artificiosos sujos e covardes de seus baixos feitores.

O Sr. Cláudio Bardella, empresário, dono das Bardella Ind. Mec. S/A, numa série de reportagens e entrevistas de nossa dita imprensa “democrática” diz que se coloca a

favor do operário em geral e que em sua empresa há um clima ardoroso de “abertura” e “democracia”. Porém observamos que esse indivíduo distorceu um pouco os fatos e que seus atos são incoerentes com sua “filosofia”. Esse empresário não chega a ser tão liberal como diz, senão o fantasma das péssimas condições salariais, alimentares, e de reivindicações não estaria solto por lá.

Outro fato que coloca em dúvida a idoneidade deste burguês é a

maneira com que os elementos que participaram da campanha salarial de 1979 estão sendo aos poucos demitidos. Elementos estes que realmente necessitam de um salário mais digno, o que os força à reivindicações que são colocadas injustamente como ilegais. E aos poucos nos vemos situados num esquema mediocre, causador de um clima passivo e fechado entre os trabalhadores e cada vez mais lucrativo para o patrões. (L.T.D. - Guarulhos, SP)

Você acredita que vivemos numa democracia?

- Na democracia o povo elege seus governantes
 - Na ditadura os governantes são nomeados
 - Na democracia os trabalhadores têm direito a greve
 - Na ditadura os trabalhadores são reprimidos ao fazê-la
 - Na democracia o lar é inviolável
 - Na ditadura ele é invadido
 - Na democracia existem todos os partidos políticos
 - Na ditadura os existentes são extintos
 - Na democracia combate-se a corrupção
 - Na ditadura praticam-na
 - Na democracia existe escola para todos
 - Na ditadura só para quem pode
 - Na democracia os sindicatos são livres
 - Na ditadura são interditados
 - Na democracia a imprensa é livre
 - Na ditadura é bloqueada
 - Na democracia o povo se manifesta nas ruas
 - Na ditadura as manifestações são contidas por bombas
 - Na democracia explorador está na cadeia
 - Na ditadura explorador está no poder
 - Na democracia se respeita o parlamento
 - Na ditadura alicia-o
 - Na democracia há participação,
 - Na ditadura há perseguição,
 - Na democracia respeita-se a eleição,
 - Na ditadura propõe-se prorrogação,
 - Na democracia a terra é do possessor,
 - Na ditadura é do grileiro,
 - Na democracia respeita-se a Constituição,
 - Na ditadura pratica-se cassação.
- Depois dessas você ainda acredita que nós vivemos numa democracia? (J.A.M. - Presidente Prudente, SP)



Tribuna Operária

Nenhuma hora extra; e marcha lenta

São Bernardo começa a parar

Quantos operários encheram o estádio da Vila Euclides no dia 16? "Quem duvidar venha contar — desafiou Osmarzinho, um dos oradores. Aqui tem cem mil metalúrgicos!" Pode ser que não chegassem aos cem mil, mas era uma massa humana impressionante, como nas maiores assembleias do ano passado. "Dizer que está maravilhoso é pouco, está é estupendo!" — comentava um jovem operário, que falou em público pela primeira vez na assembleia anterior, mas agora já compõe a comissão salarial.

O grande personagem

A presença maciça, compacta, vigilante, serena e corajosa da categoria dominou o cenário na Vila Euclides. A platéia foi o grande personagem coletivo, o maior orador, o herói do dia.

Os metalúrgicos de São Bernardo já sabem hoje por experiência própria o que é uma greve, um piquete, uma intervenção no sindicato, um enfrentamento com a polícia. Talvez por isso o ambiente na assembleia e dentro das firmas tem uma marca de seriedade mais forte que no ano passado. A categoria se prepara para uma batalha de longo fôlego, para uma greve de muitas semanas e para um confronto direto com o governo antioperário. A própria confiança no sindicato hoje é contrabalançada por uma consciência maior do papel decisivo que o coletivo operário tem. E a desconfiança no governo, reforçada por mil exemplos, ganhou mais peso. Foi o que mostrou a advertência feita pelo "Alemãozinho", conhecido ativista sindical: "Quero dizer que o general Figueiredo será o único responsável se por acaso algum cão raivoso da Polícia Militar matar mais um trabalhador".

A classe avança

"Este ano estamos mais fortes — disse da tribuna João Batista, operário da Volkswagen — acumulamos capacidade de organização e estamos para o que der e vier". Terminada a assembleia, um dos metalúrgicos que fizeram a greve pioneira da Scania Vabis em 1978 observou: "O que mudou de lá para cá é que agora nós sabemos que somos uma força". Até onde foi este avanço? A assembleia do

dia 16 deu uma amostra. Mas o teste decisivo está sendo feito nestas semanas. Foram decididas tarefas concretas para a categoria, a partir de propostas da comissão de salário: 1) manter contato estreito com o Sindicato; 2) reforçar o fundo de greve; 3) não fazer hora-extra; 4) no caso de demissões, parar por setor ou por fábrica; 5) reduzir o ritmo de trabalho, pondo em prática a "operação marcha lenta"; e 6) se os patrões forem intransigentes decretar a greve.

A aplicação destas decisões é como um ensaio geral para uma possível greve, a partir da próxima assembleia, no dia 30. A luta já está sendo travada dentro de cada empresa, ali onde a unidade, a organização e a vigilância da classe respondem pelo êxito do movimento operário e desta batalha em especial.

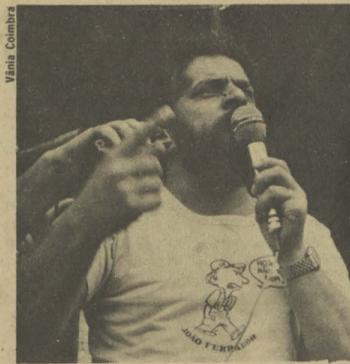
Marcha lenta em ação

As informações de dentro das fábricas de São Bernardo mostram que as resoluções da assembleia estão sendo levadas à prática. No setor de prensa da Volkswagen, por exemplo, a primeira máquina da linha, o "repuxo", passou a trabalhar bem devagar. E as outras máquinas, que dependem dela, acompanham seu ritmo... "O mestre tá cabreiro, mas hoje foi só na manha", conta sorrindo um operário baixinho e moreno, recém-emigrado do Ceará. Na estamparia, há máquinas automáticas, cujo ritmo independe dos operários. Mas quando, por "mera coincidência", uma máquina apresenta defeito, vêm logo os engenheiros conversando em alemão, com cara de quem acha que foi coisa proposital. "O que tinha de alemão em cima da máquina não está escrito", conta um operário, falando de um desses casos. "E a turma ficava em cima só dizendo: olha a onça!"

Fura greve o que merece?

Um chefe intermediário, da ala 1.364 da Volks, que teimou em fazer hora extra, apesar da orientação em contrário, teve de entrar na fábrica pelo portão dos caminhões, e só conseguiu convencer um de seus oito subordinados. Os outros sete ficaram de fora.

Não existe hoje, no ABC, ofensa maior do que a de fura-greve. Na porta da



Acima, João Batista, da Volks, e Lula, presidente do Sindicato, falando à Assembleia. A direita, no alto, a alegria de quem vê a força de sua classe; em baixo, o mar de mãos levantadas para votar pela luta até a vitória final dos metalúrgicos.

Mercedes Benz, cada vez que um orador fala nisso, durante os comícios da campanha, a vaia é geral e sonora. Ainda na Mercedes, um operário é radical: "Fura-greve tem é que tomar pau!" Na Volks a opinião é a mesma: "Escreve aí que o companheiro que fizer hora extra e mais tarde furar a greve não passa de um safado e que só tem uma maneira de tratar com safado..."

A maior divulgação da campanha, os avanços na organização, e a discussão mais intensa nas fábricas, levaram muito metalúrgico que ficou trabalhando durante a greve passada a pensar duas vezes. E há mesmo o que vêm pedir desculpas aos companheiros de trabalho, prometendo que desta vez não vão falhar.

"Podemos confiar em você?"

Desta vez o ABC não estará sozinho. Além de São Bernardo, além de Santo



André e São Caetano, a luta será travada em unidade também pelos metalúrgicos de Campinas, Taubaté, Jundiaí e Santa Bárbara D'Oeste.

Nestas cidades, sobretudo Campinas e Taubaté, existe um proletariado jovem e altamente concentrado. Nem sempre se pode escrever o que dizer os seus líderes sindicais, mas a pressão vinda de baixo é grande e eles terminaram rompendo com a Federação pelega dos Metalúrgicos de São Paulo para aderir à campanha mais avançada do ABC.

Começando a parar

Na última assembleia em Campinas, um metalúrgico interpelou diretamente o presidente do sindicato: "As assembleias têm sido boas. Na fábrica o clima é de greve. Aqui se fala em greve. Mas eu pergunto: podemos, este ano, confiar em você e em sua diretoria?"

Nestas condições, a categoria parte para as negociações a partir de uma posição de força. São Bernardo passa a ser um ponto de referência. E já teve início a corrida contra o tempo para sanar as debilidades que ainda se verificam, principalmente o velho e sempre atual problema da organização dentro de cada firma.

Do lado dos patrões, o ministro do Trabalho tenta aparentar tranquilidade, descansa em sua luxuosa casa de campo e faz declarações ofensivas aos metalúrgicos. A Federação das Indústrias de São Paulo arrota arrogância e intransigência. Mas nenhum deles dorme tranquilo. Apesar do poderio repressivo policial-militar, apesar da campanha contra as greves, orquestrada na TV, das calúnias e difamações, a verdade é que os metalúrgicos já estão começando a parar. (Texto: Bernardo Joffily. Colaboraram Carlos Oliveira e Iara Santos)

Greve no cais quebra tabu de 16 anos



Portuários em vigília no sindicato

O cais do porto de Santos amanheceu no dia 18 último transformado em uma praça de guerra. Cerca de 300 fuzileiros navais vindos do Rio de Janeiro postavam-se em pontos estratégicos das docas vazias. Parecia um treinamento contra uma invasão. Mas era a resposta truculenta do governo à greve dos portuários santistas, deflagrada no dia anterior, que macou a volta dessa valente categoria à primeira linha de combate da classe operária após 16 anos de opressão.

A presença dos fuzileiros navais foi inútil. Tal como no primeiro dia da greve, quando os cerca de 12.500 portuários aderiram em massa, o número dos que foram trabalhar podia ser contado nos dedos. "Todos sabem o que fazer", comentou um portuário. "Está é uma greve de consciência".

A produtividade do portuário

"Entraram apenas uns seis ou sete engenheiros", disse outro trabalhador, ao

contar que, após a decretação da greve, à meia noite do dia 16, foram enviados pequenos grupos ao cais, para ver se havia algum fura-greve. "Não foi preciso convencer ninguém, tanto é que voltamos ao sindicato. Não foi preciso piquete nem nada, pois a mentalidade dos meninos é outra agora, e estamos todos unidos".

Além do índice oficial de 33,2%, os trabalhadores exigem um aumento de Cr\$ 3.300,00, que equivale ao seu índice de produtividade, calculado de uma forma simples: a folha de pagamento da Companhia Docas de Santos (CDS) foi de 270 milhões de cruzeiros em janeiro. 15% dessa folha dá cerca de 40 milhões, que divididos pelo número de empregos, dá 3.300.

A CDS, que teve um lucro de 295,4 milhões de cruzeiros em 1978 — abocanhados pela família Guinle, proprietária da concessão do porto — pretendia dar um reajuste de apenas 3%, sem falar em sua total omissão quanto às péssimas

condições de trabalho em um porto onde ainda existem em operação guindastes de 1911. Essa atitude levou os portuários à greve, causando prejuízos de 1,3 bilhões de cruzeiros por dia. Toneladas de mercadorias lotam os armazéns, e navios esperam no porto.

"Nós estamos num drama sentido", afirmou um dozeiro. "Eles não pagam carga geral. As agências não pagam o que têm de pagar. Estão sempre roubando a insalubridade. Para dobrar meu salário, de oito mil, tenho de fazer uma enormidade de horas, com o chicote nas costas, apressando, apressando".

Outro portuário completa: "o que dá mais raiva na gente é ver a Manchete com o Guinle (Jorginho Guinle, conhecido playboy) e um monte de mulher pendurada, tomando uisquinho no iate dele, gastando os tubos, e depois eles recusam um aumento de 3.300!"

Unidade portuária

O vigor da greve, que em dois dias obteve a adesão de mais de 22 mil trabalhadores do cais, em solidariedade, resulta da organização dos portuários, sedimentada em lutas conduzidas nos últimos 16 anos e que levou à constituição da Unidade Portuária, englobando os membros dos quatro sindicatos que lideram a paralização. E esse movimento encheu de satisfação os trabalhadores mais antigos, o que se recordam da União da Orla — União dos Sindicatos da Orla Marítima de Santos — filiada ao Pacto de Unidade e Ação (PUA), que liderava todas as mobilizações dos portuários antes de 1964, sendo virtualmente massacrada após o golpe militar.

Um mulato forte relembra o que representava a União da Orla: "antes do golpe, a União era composta por todos os trabalhadores daqui. O pessoal da estiva era quem levava as principais lutas, nunca aceitando desaforo de patrão! Podia passar a noite contando casos sobre o que nós fazíamos. Para dar uma idéia, a polícia nunca vinha com casete ou bomba como agora. Era de metralhadora para cima".

Entre os portuários o sentimento geral é de que a Unidade Portuária vai reviver essa união de classe, voltando a aglutinar as demais categorias. E um sinal disso foi a solidariedade demonstrada pelos trabalhadores e sindicatos dos metalúrgicos, ensacadores de café, gráficos, vigias portuários, petroleiros, trabalhadores em minérios, bancários e condutores autônomos, entre outros.

Tudo isso leva aos grevistas a certeza da vitória. "Nós sabemos que contamos com o apoio de todos os trabalhadores santistas, que nos acompanharão para onde formos", disse um operário nos serviços portuários. "Isso aumenta nossa disposição de luta", acrescentou. E caso os sindicatos sofram alguma intervenção? "A gente vai para as igrejas", respondeu. E se as igrejas também forem invadidas? "Daí a gente vai até morrer. Ninguém arreda pé. Chega de ser carneiro!" (Dilair Aguiar)

"Maior vitória é levantar a cabeça"

Um metalúrgico de São Bernardo que foi a Santos prestar solidariedade aos portuários contou:

"Os trabalhadores atuaram na assembleia como um rolo compressor. Ou as direções sindicais assumiam ou eles passavam por cima. A mesma coisa que está acontecendo com os metalúrgicos de Jundiaí, Campinas e outros lugares que sabemos, não é?", comentou sorrindo.

"É impressionante a raça com que o pessoal de Santos está empenhado na luta, apesar desse Rômulo (o presidente do sindicato dos portuários) ser um safado. Na assembleia havia uns 8 mil dozeiros, muitos sem camisa e dispostos à briga". E continuou:

"A greve de Santos vai dar para avaliar a reação do governo, para se ter uma idéia do que vem por cima da

gente, aqui em São Bernardo. Mas não tenham dúvida: haja o que houver em Santos, São Bernardo vai à greve se os patrões não atenderem nossas reivindicações. Em Santos, o mais importante, mais até que os 3.300 cruzeiros, é a vitória de levantar de novo a cabeça e entrar em greve depois de 16 anos e 15 dias de humilhação, conforme disse um dozeiro. A assembleia decidiu: "se mexer num companheiro nosso, mexe em toda a categoria".

"Foi uma categoria muito perseguida depois de 1964. Perdeu até o salário-chuva. E os acidentes de trabalho são frequentes. Só a turma 14 teve 12 mortes neste ano. A gente só fica sabendo das mortes porque a bandeira do sindicato fica arriada, a meio-pau. E, às vezes, passa assim uma semana seguida, de tanta morte que acontece", finalizou.

Na Cosipa, aumentos de até 100 por cento

Os metalúrgicos da Cosipa, de Cubatão, SP, estavam tão unidos e preparados para a greve que nem foi preciso o trabalho para conseguir importantes conquistas salariais. A direção da Cosipa percebeu que a parada estava perdida e concedeu aumentos salariais que para certas faixas chegaram até os 100 por cento e em geral ficaram por volta dos 87 por cento!

Metroviários conseguem 89%. Os 4 mil funcionários do metrô de São Paulo tam-

bém furaram os índices oficiais impostos pelo governo. Após uma movimentada campanha conseguiram reajustes de 89 por cento para os trabalhadores de até 4 salários mínimos.

Figueiredo, Delfim Neto e Murilo Macedo estão perdendo o sono porque estas vitórias dos trabalhadores significam que a nova lei de arrocho salarial, bolado com carinho para dividir os trabalhadores, já começa a ser desmoralizada.

CLASSE CONTRA CLASSE

O movimento grevista de longo fôlego que o Brasil está vivendo desde maio de 1978 coloca em choque frontal duas classes sociais que jamais se entenderam nem podem se entender: os operários e os capitalistas. As fortunas que Jorginho Guinle & família gastam a rodo são o suor e o sangue dos portuários e estivadores de Santos. Os lucros astronômicos das multinacionais do automóvel vêm da exploração dos metalúrgicos do ABC. O luxo de uma classe é a miséria da outra, a liberdade de uma é a opressão de sua adversária.

Combate permanente

A luta entre operários e patrões vem de longe, acompanha o sistema capitalista desde o berço e só desaparecerá quando ele estiver morto e enterrado. O patronato, que no capitalismo está por cima, tem interesse em escondê-la do povo trabalhador. Quem não se lembra do falatório sobre a harmonia entre as classes, no período mais duro da ditadura militar? Porém, mudaram os tempos e o combate sem tréguas, que estava sendo travado nos subterrâneos da sociedade, aflorou com força ainda maior. Mais uma vez a realidade brasileira, como a mundial, comprova que não pode haver paz entre explorados e exploradores.

O governo superpatrão

O aparelho de Estado (compreendendo aí o governo, a polícia, as Forças Armadas, o sistema judiciário, etc) procura apresentar-se como algo situado acima deste conflito. Sua função seria justamente harmonizar a vida dos trabalhadores e dos patrões, distribuindo a justiça e combatendo os excessos de parte a parte. E outra grossa mentira. Não existe Estado nem governo a margem ou acima da grande luta social que divide a sociedade moderna. O que existe são Estados e governos reacionários, burgueses, que tentam tapar o sol com uma peneira.

Porém, mais uma vez a realidade brasileira mostra-se ingrata para com esses charlatões da ciência social. Isto porque no Brasil de hoje, mais do que um defensor dos patrões, o regime militar aparece no papel de superpatrão, comprometido até o pescoço com os interesses do capitalismo em geral e do grande capital nacional e estrangeiro em particular.

E o regime que define, pela força, os índices salariais e protante a taxa de exploração dos operários que deverá vigiar. E o regime que manda seus ministros aparecerem na televisão para fazer a mais descarada defesa dos lucros patronais. E o regime que envia os fuzileiros navais contra os portuários de Santos e promete intervir definitivamente nos sindicatos do ABC no caso de uma greve metalúrgica.

A burguesia está condenada

Isto porém não quer dizer que a humanidade está condenada a viver eternamente dividida em classes inimigas, em luta permanente. As classes sociais são fruto da história, nascem, vivem e morrem de acordo com o desenvolvimento da humanidade. As classes dos escravos e dos senhores, por exemplo, já não existem na sociedade, desapareceram de cena.

A burguesia está condenada a ter o mesmo destino. E uma casta social de parasitas, que já não dá nenhuma contribuição ao progresso da sociedade. Pelo contrário, funciona como um estorvo no seu caminho. Seu fim é inevitável. E seu coveiro será a classe operária, a única que torna-se cada vez mais forte e numerosa sob o capitalismo, a única interessada em ir até o fim na luta contra a exploração do homem pelo homem. Também é a única capaz de abrir para o Brasil e para o mundo as portas de uma sociedade nova, onde a divisão dos homens em classes sociais antagonicas será apenas uma amarga recordação do passado.